

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DA BRINCADEIRA À BEIRA MAR AO PROFISSIONALISMO:
A HISTÓRIA DE VIDA DE UM SURFISTA**

PALOMA ANDREA MARCHETTI

**FLORIANÓPOLIS
JUNHO, 2010**

PALOMA ANDREA MARCHETTI

**DA BRINCADEIRA À BEIRA MAR AO PROFISSIONALISMO:
A HISTÓRIA DE VIDA DE UM SURFISTA**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Ferreira Farias

**FLORIANÓPOLIS
JUNHO, 2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O Trabalho de Conclusão de Curso

**DA BRINCADEIRA À BEIRA MAR AO PROFISSIONALISMO: A HISTÓRIA
DE VIDA DE UM SURFISTA**

elaborado por

PALOMA ANDREA MARCHETTI

foi aprovado pelos membros da banca examinadora e aceito junto à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Bacharelado em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Florianópolis, 24 de junho de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sidney Ferreira Farias (Orientador) - CDS/UFSC

Prof. Ms. Flávio Antônio Ascânio Lauro - Faculdades Metropolitanas Unidas

Prof. Mestranda Luana Callegaro Rossato - CDS/UFSC

Prof. Mestrando Thiago Ferreira de Souza (Suplente) - CDS/UFSC

Este trabalho é dedicado a Kanaloa, a fonte de inspiração, de material e de uma história incrível de vida.

AGRADECIMENTOS

Considerando esta monografia o resultado final de uma caminhada que não começou na Universidade Federal de Santa Catarina, agradeço primeiramente a todos os professores e amigos das outras universidades onde estudei e que contribuíram para a construção de quem sou hoje.

Agradeço sinceramente todas as pessoas que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho, em especial:

Ao meu pai e minha mãe, que me deixaram fazer escolhas sem a pressão de ter que ser bem sucedida, e por me respeitarem e apoiarem, sempre me incentivando a melhorar e crescer como pessoa. Vocês podem não ter acertado em tudo, mas acertaram em cheio como exemplos de pessoas íntegras, educadas e boas.

Aos meus irmãos Rodrigo e Bianca, pela amizade e carinho, e por poder “contar” sempre com vocês. Penso em vocês todos os dias, com admiração.

Ao meu marido, pela paciência, consideração, confiança e amor.

Ao meu orientador, Professor Dr. Sidney Ferreira Farias, por acreditar em meu potencial, dando autonomia para desenvolver o trabalho e o respeito pela minha criação.

A todos Professores do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial aos Professores Maria Fermínia Luchtemberg De Bem e Viktor Shigunov, que muito me auxiliaram com a parte estrutural e de formatação, além de valiosas sugestões.

Ao Professor Eduardo Vasconcellos, por dividir todo seu conhecimento e gosto pelo surfe, por todo seu envolvimento, diálogos e reflexões, além de empréstimo de material.

À Mestre Amanda Soares, com a qual trabalhei no Loafis, pela paciência em me ouvir, pela disponibilidade e grande auxílio durante as buscas pelo referencial bibliográfico.

A todos os colegas de curso, especialmente à Joana de Bona e Gisella de Mello, pela amizade, pelas sugestões, empréstimo de livros e apoio durante o processo.

Aos professores Luíz Antônio, Jeferson, Joana e Lili, por tudo que me ensinaram com paciência durante o estágio na Academia Marcelo Amin, além de todas as valiosas sugestões para este trabalho e a disponibilidade para me ajudar.

À Academia Marcelo Amin, especialmente Marcelo, Bianca e Coutinho, por entenderem a necessidade de ausentar-me para finalizar este trabalho.

Às minhas queridas amigas Elaine, Maria Amazile, Kátia Faraco e Jô Castro, que sempre demonstraram interesse, me incentivaram no processo deste trabalho e entenderam minha ausência.

À Professora Stella Maris Büchele pelo apoio na correção e formatação.

Obrigada de coração!

RESUMO

DA BRINCADEIRA À BEIRA MAR AO PROFISSIONALISMO: A HISTÓRIA DE VIDA DE UM SURFISTA

Autora: PALOMA ANDREA MARCHETTI

Orientador: PROF. DR. SIDNEY FERREIRA FARIAS

O presente estudo teve como objetivo principal identificar a influência da prática de surf na vida de Kanaloa, conforme a narrativa de sua vida, fornecida por ele mesmo. O estudo pode facilitar a compreensão da escolha de práticas corporais, o entendimento da influência do surf sobre todos aspectos da vida de um atleta profissional da modalidade, o conhecimento das escolhas de vida de uma pessoa a partir da sua história de vida como surfista desde os oito anos de idade. É uma pesquisa qualitativa e estudo de caso do tipo história de vida. Para reunir as informações sobre sua vida, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas, para depois serem analisadas. Todo processo de entrevistas foi dividido nas seguintes fases da vida de Kanaloa: a) a vida antes do surf; b) o início no surf e a carreira amadora; c) a carreira profissional competitiva; d) a carreira profissional como *freesurfer* e) a vida atual e os planos para o futuro. Após analisar a sua história pôde-se evidenciar a influência da prática do surf em sua vida, nos aspectos pessoal, social, educacional, emocional e financeiro. Para Kanaloa, o surf é muito mais do que o esporte que pratica. O surf é o que o motiva, leva a lugares distantes, sustenta, traz alegria e felicidade, causa lesões, faz conhecer novas culturas e aprender novas línguas, inspira para criar músicas, e leva a fazer arte. É a essência do seu ser.

Palavras-chave: Surf. surfista. história de vida.

ABSTRACT

FROM THE FUN TIMES AT THE SEA SIDE TO THE PROFESSIONALISM: THE LIFE HISTORY OF A SURFER

Author: PALOMA ANDREA MARCHETTI

Supervisor: PROF. DR. SIDNEY FERREIRA FARIAS

The main purpose of this study was to identify surfing's influence in the life of Kanaloa, according to the narrative of his life, as told by himself. The study may help to comprehend the choices of physical practices, to understand the influence of surfing over all life aspects of a professional surfer, to know the choices of a person's life from his history as a surfer since the age of eight. It's a qualitative research, a case study called life history. To gather all the information about his life, semi-structured interviews were used, all of which were recorded and transcribed, later to be analyzed. All of the interview process was divided in the following stages of Kanaloa's life: a) life before surfing; b) the beginning and the amateur career; c) the professional career as a competitor; d) the professional career as a freesurfer; e) current life and the plans for the future. After reviewing his history, it was evident the influence of surfing on his life, in the personal, social, educational, emotional and financial aspects. To Kanaloa, surfing is much more than the sport he practices. Surfing is what gives him motivation, takes him to far away places, pays for his living, brings him joy and happiness, causes him injuries, allows him to learn about new cultures and languages, inspires him to compose music, and, takes him to make art. It's the essence of his being.

Keywords: Surf. surfer. life history.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	10
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	11
1.2 PROBLEMA	11
1.3 JUSTIFICATIVA	11
1.4 OBJETIVOS	13
1.4.1 Objetivo geral	13
1.4.2 Objetivos específicos	13
1.5 DEFINIÇÃO DE TERMOS	13
CAPÍTULO 2 - REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO SURF NO MUNDO	15
2.1.1 O surf no Brasil	17
2.2 A PRÁTICA DO SURF NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	20
2.3 O ESTILO DE VIDA DOS SURFISTAS	23
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	26
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	26
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	28
3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	30
CAPÍTULO 4 - A HISTÓRIA DE VIDA DE KANALOA	31
4.1 APRESENTANDO KANALOA	31
4.2 A VIDA ANTES DO SURF	33
4.3 O INÍCIO NO SURF E A CARREIRA AMADORA	34
4.4 A CARREIRA PROFISSIONAL COMPETITIVA	46
4.5 A CARREIRA PROFISSIONAL COMO <i>FREESURFER</i>	54
4.6 A VIDA ATUAL E OS PLANOS PARA O FUTURO	62
CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	67
5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
5.2 RECOMENDAÇÕES	70

REFERÊNCIAS	71
ANEXO A - Regras para as transcrições das entrevistas	75
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semi- estruturado	77
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido	81

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Essencialmente uma atividade recreacional, o surf neste início de milênio é um esporte aceito como atividade profissional e é organizado através de inúmeras entidades municipais, estaduais, nacionais e mundiais, de caráter amador e profissional. É um esporte que já faz parte do contexto social brasileiro, como faz-se notável através das competições, do vestuário, das gírias, hábitos e mais recentemente, programas de televisão.

A prática do surf é milenar, tem sua origem na Polinésia, se desenvolveu no Havaí e foi levado para a Califórnia, para então se espalhar pelo mundo. Hoje é praticado em todas as praias do planeta que oferecem condições (STEINMAN, 2003).

Considerado pelos antigos havaianos como o esporte dos reis, por ser praticado pela realeza, o surf se popularizou mundialmente e chega ao número de 2,4 milhões de praticantes ocasionais no Brasil, parte dos 17 milhões de praticantes distribuídos em 70 países contabilizados pela *International Surfing Organization*, que conta com o envolvimento de 38 nações e centenas de associações nos cinco continentes (BITTENCOURT et al., 2005).

Contudo, apesar da ascensão do esporte e do alto número de praticantes, Brasil et al. (2001, p.66) observaram que, ao longo da história, os pesquisadores parecem não ter acompanhado acentuadamente a trajetória do surf.

De acordo com os mesmos autores,

[...] Embora alguns esforços se direcionem ao seu estudo, ainda permanece uma carência de estudos e pesquisas que abordem esse tema, concernente não só aos aspectos históricos, mas também a seus praticantes, ao espaço em que se dá, aos aspectos sociais, físicos e tantos outros embutidos em seu universo e que contribuem para a melhor compreensão, engrandecimento e perpetuação dessa modalidade (BRASIL et al., 2001, p.66).

Considerando os fatores citados por Brasil et al. (2001), no que diz respeito ao espaço em que se pratica a modalidade e o próprio praticante, nos aspectos físicos e sociais, esta pesquisa buscou estudar o significado da prática do surf na vida de uma pessoa, com base na sua história de vida. O surfista em questão foi denominado, neste estudo, de Kanaloa, em homenagem ao antigo Deus havaiano do Oceano.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O presente estudo buscou levantar informações valiosas para o conhecimento e entendimento do surf, entretanto, envolveu apenas um praticante, o que, juntamente com a metodologia adotada, são aspectos que delimitam o tema.

1.2 PROBLEMA

A partir do problema proposto formulado com a pergunta: “Qual a influência do surf sobre a vida de Kanaloa, surfista desde os oito anos de idade?”, buscou-se conhecer como a prática deste esporte influenciou sua vida.

1.3 JUSTIFICATIVA

A pesquisadora conheceu o sujeito da pesquisa há quinze anos, na ilha de Oahu, no Havaí, onde morava na época. Naquele ano, 1995, o atleta, então com dezenove anos de idade, estava na ilha para treinar o surf em ondas grandes e participar de competições internacionais.

Desde então, acompanha sua carreira, em todos aspectos do esporte, desde os treinos e viagens, as competições e lesões, até o abandono das

competições e a busca por novos caminhos. A admiração e curiosidade da pesquisadora em descobrir o que o surf representa na vida do sujeito, e na sua relação com o mundo, a partir das suas memórias, a levaram a iniciar o presente estudo.

Para Atkinson (1998, p.8, tradução nossa), uma história de vida é a história que uma pessoa escolheu para contar sobre o que ela tem vivido, da forma mais completa e honesta quanto for possível, o que ela lembra de sua vida, e o que aquele que vai contar quer que outros saibam sobre sua vida.

A escolha do tema surgiu da pouca quantidade de informações existente sobre como a prática do surf desde a infância, de forma competitiva, pode influenciar a vida de uma pessoa nos âmbitos pessoal, social, educacional, emocional e financeiro. O que se pretende conhecer não é algo que pode ser medido, pesado ou comparado, mas a complexidade da vida a partir da prática esportiva de alto rendimento, quais os significados que o estilo de vida que a modalidade proporciona representam, qual o sentido que o surf teve e continua a ter em sua vida. Buscou-se, com esta pesquisa, maiores esclarecimentos acerca do modo de viver do surfista.

O presente estudo pode facilitar a compreensão da escolha de práticas corporais, o entendimento da influência do surf sobre todos aspectos da vida de um atleta profissional da modalidade, a possibilidade de conhecer as escolhas de vida de uma pessoa a partir da sua história de vida como surfista desde os oito anos de idade.

Este tipo de pesquisa pode contribuir com a área da Educação Física uma vez que possibilita acesso aos significados que determinadas práticas podem ter para quem as realiza, evidenciando para os profissionais da área a necessidade de uma atuação atenta à dinâmica cultural que envolve os alunos ou clientes (SILVA, VELOZO e RODRIGUES JR, 2008). De acordo com Pereira (2009 *apud* SANDS, 2002), permite, ainda, a aquisição de informações sobre a vida esportiva e pessoal de atletas, promovendo uma maior compreensão sobre o ambiente onde vivem, treinam e competem, além de suas influências sociais e culturais.

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar a influência do surf sobre a vida de uma pessoa de trinta e três anos de idade, praticante da modalidade desde os oito anos de idade, através da sua história de vida.

1.4.2 Objetivos específicos

- Caracterizar Kanaloa;
- Demonstrar a relação da prática do surf com as escolhas e oportunidades ao longo da vida de Kanaloa;
- Identificar e descrever os hábitos, atitudes e estilo de vida de Kanaloa.

1.5 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Considerando que a tradução literal de *freesurf* e *freesurfer* é, respectivamente, surf livre e surfista livre, para evitar um errôneo entendimento do que realmente significam, padronizou-se neste estudo o uso das mesmas na língua inglesa. Sendo assim, optou-se por usar a palavra *surf* também na língua inglesa.

SURF - “Do inglês surf. Modalidade esportiva em que o atleta desliza numa onda de pé sobre uma prancha” (FERREIRA, 1999, p.1908). “Arte e destreza de deslizar sobre a arrebentação das ondas no mar” (BITTENCOURT et al., 2005, p.411).

SURFISTA - “Designação comum e genérica para o praticante de surf” (SILVA, 2004, p.183).

SURFISTA AMADOR - “Aquele que surfa pelo prazer de praticar o esporte, ou aquele que surfa pensando em seguir carreira dentro do esporte, participando de competições sem premiação em dinheiro” (ANDRADE, 2009).

SURFISTA PROFISSIONAL - “Aquele que segue uma carreira dentro do esporte, filiado a uma entidade que organiza eventos profissionais e participa de eventos com premiação em dinheiro. Apesar de não serem sindicalizados, aparecem em rankings de circuitos profissionais ou tem um patrocinador que paga um salário para que ele represente sua marca em eventos ou viagens” (ANDRADE, 2009).

FREESURFER - “Surfista que não disputa os circuitos oficiais e que prefere viajar atrás de ondas perfeitas. É aquele surfista que surfa por prazer, no máximo para fazer fotos ou vídeos” (SILVA, 2004, p.72).

ESTILO DE VIDA - “Conjunto de ações habituais que refletem as atitudes, os valores e as oportunidades na vida das pessoas” (NAHAS, 2003, p.19).

HISTÓRIA DE VIDA - “Trata-se de um método de pesquisa qualitativa usado para reunir informação sobre a essência subjetiva da vida inteira de uma pessoa. É iniciada com uma entrevista gravada, que mais tarde é transcrita, e finalizada como uma narrativa que flui completamente nas palavras da pessoa que contou a história” (ATKINSON, 1998, p.3, tradução nossa).

CAPÍTULO 2

REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo apresenta a revisão de literatura dividida em quatro tópicos. O primeiro procura relatar os aspectos históricos do surf no mundo, o tópico seguinte aborda o surgimento e o desenvolvimento do esporte no Brasil, o terceiro aborda a prática do surf na infância e na adolescência, com enfoque em competições entre atletas jovens, e o último refere-se ao estilo de vida dos surfistas.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO SURF NO MUNDO

O surf fazia parte da cultura Polinésia no remoto Pacífico sul, muito antes dos exploradores europeus chegarem. Pela Polinésia ser constituída por inúmeras ilhas e a sobrevivência dos nativos depender do mar, onde navegavam independentemente das condições, em mares calmos ou cheio de ondas, o surf pode ter surgido ao acaso, como ocorre com muitas descobertas, quando, segundo Gutenberg (1989, p.13) “alguém decidiu que poderia se divertir sobre tábuas de madeira em cima de ondas. É bem provável também que eles não soubessem o que estavam fazendo e, é claro, não chamavam de surf”.

Os polinésios, povo que imigrou para as ilhas pacíficas há cerca de sete mil anos, podem ser considerados os primeiros surfistas da história, e foram eles os responsáveis pela descoberta do Havaí e da introdução do surf no arquipélago, onde a modalidade foi adotada pela realeza e adquiriu características religiosas, culturais e sociais. Havia uma hierarquia de prática, os únicos que podiam surfar de pé e sem restrições eram os reis e suas famílias, e somente eles usavam as maiores e melhores pranchas, para a plebe era mais difícil praticar o esporte pelas dificuldades em conseguir madeiras para suas pranchas, restando as pranchas menores e desprezadas (FARIAS, 2000; GUTENBERG, 1989).

Com a chegada do navegador inglês James Cook ao Havaí, em 1778, o surf foi pela primeira vez descrito em livros. Cook deixou um relato importante para a história do esporte, uma narrativa de duas páginas em seu jornal, onde descreveu o surf. Os missionários que mais tarde chegaram, em 1820, condenaram a atividade (MARCUS, sem data, tradução nossa), como comenta Coleman (2004, p.44), em seu livro *“Eddie would go: a história de Eddie Aikau, herói havaiano”*, os missionários “pregavam contra a imoralidade de homens e mulheres que surfavam e competiam juntos, na ‘imoralidade’, condenando a liberdade sexual e as disputas associadas ao esporte”.

De acordo com Marcus (sem data, tradução nossa), apesar das restrições, o surf continuou a ser praticado no Havaí, de forma bem menos ampla, mas o mantendo vivo no final de 1800. No início de 1900 o surf foi resgatado pelo principal surfista havaiano da época, George Freeth, juntamente com alguns amigos que acreditavam que para o esporte não desaparecer, era preciso ser divulgado em outros países. O responsável pela introdução do surf nos Estados Unidos e Austrália foi o grande nadador e surfista havaiano Duke Paoa Kahanamoku, que com a exposição conseguida nas provas de natação nas Olimpíadas de 1912, quando quebrou recordes e ganhou medalhas de ouro, se encarregou de espalhar o surf pelo mundo (GUTENBERG, 1989).

A partir de então o surf evoluiu mais rapidamente. As pranchas diminuíram de tamanho e peso nos anos 1920, surgiram as quilhas¹ nos anos 1930, a modalidade progredia na América do Norte e estava se tornando o esporte nacional na Austrália, em meados dos anos 50 (GUTENBERG, 1989).

Ao final da Segunda Guerra Mundial em 1945, de acordo com Booth (1995, p.189, tradução nossa), o surf já estava sendo desenvolvido como uma forma de lazer e era um esporte organizado, principalmente no sul da Califórnia. Neste sentido, Warshaw (2005, tradução nossa) acrescenta que na mesma época, colônias de surfistas surgiram na África do Sul, Peru e em toda costa oeste dos Estados Unidos, e que, na década seguinte, o esporte chegou à França, Inglaterra e Espanha, para logo em seguida chegar ao Canadá, Irlanda e outros países.

¹ “A projeção vertical ou leme, fixada próximo à rabeta no fundo da prancha de surf, com o propósito de melhorar a estabilidade direcional e condução” (CRALLE, 2001, p.99, tradução nossa).

Nos anos 1960 foram organizados os primeiros campeonatos, e na década de 70, com o aumento de praticantes e do interesse comercial, foi criada a primeira associação que iria reger o esporte em nível mundial, a *International Professional Surfers - IPS*. Em 1983 surgiu a *Association of Surfing Professionals - ASP*, entidade que gerencia o surf mundial até os dias de hoje (GUTENBERG, 1989).

Lauro et al. (2003, tradução nossa) afirmam que embora suas raízes sejam recreacionais, atualmente o surf tem a estrutura de um esporte profissional, com eventos regionais, nacionais e mundiais. Complementando, Farias (2000) aponta que desde seu surgimento ao modelo competitivo atual, os surfistas evoluíram respeitando regras criadas e utilizadas internacionalmente, as quais qualificam e aferem valor às manobras nas ondas, dependendo do grau de dificuldade da manobra em diferentes condições de ondas.

Desse modo, pode-se entender que hoje, muitos anos e muita água salgada depois, o surf é uma modalidade esportiva respeitada, organizada e competitiva entre atletas de todas as idades, nos quatro cantos do mundo. Pode ser praticado desde muito cedo, de maneira recreativa ou competitiva, não distingue classe social ou econômica, raça ou sexo. O surf conquistou seu espaço e não perdeu sua essência, o esporte dos reis continua a ser uma dança artística sobre as ondas do mar em movimento.

2.1.1 O surf no Brasil

No Brasil, o surf surgiu pela busca de novidade e por puro divertimento. No final dos anos 1930, dois jovens amigos frequentadores da praia do Gonzaga, em Santos, buscavam algo novo para fazer nos dias de verão e nas ondas que ali quebravam. A cidade vivia uma época de prosperidade, o porto era o mais movimentado do país, haviam comerciantes, executivos e turistas em todos lugares da cidade e as praias começavam a ser mais frequentadas. Os homens descobriam os esportes náuticos e jogavam peteca, exibindo seus músculos à beira mar e as mulheres perdiam a timidez e começavam a usar maiôs (GUTENBERG, 1989).

Um desses dois jovens era Osmar Santos, filho de um bem sucedido exportador de café, que frequentemente viajava aos Estados Unidos e numa dessas viagens trouxe uma revista de mecânica para o filho. A revista trazia um artigo sobre como fazer uma prancha de surf. Entre dezembro de 1938 e janeiro de 1939, Osmar e João Roberto Suplicy Haffers, com a ajuda do amigo e engenheiro náutico Júlio Putz, construíram a prancha. Feita de cedro, tinha 3,6 metros de comprimento e pesava oitenta quilos, era difícil de manobrar e levou algum tempo para que eles conseguissem surfar com ela. Mas acabaram aprendendo e, sendo os dois únicos surfistas da região, despertavam a curiosidade de todos, especialmente das garotas (GUTENBERG, 1989).

Nas palavras de Osmar, citado por Gutenberg (1989, p.24):

[...] uma das razões por que começamos a surfar foi para atrair garotas [...] até levávamos as garotas de carona em algumas ondas [...] era uma delícia surfar, ouvindo apenas o barulho da prancha cortando a água [...].

Recentemente, o surfista e idealizador do Museu do Surf de Santos, Diniz Iozzi (Pardal), revelou que o precursor do surf no Brasil foi o americano naturalizado brasileiro Thomas Rittscher, o qual, entre 1934 e 1936, teria criado a primeira prancha no país e surfado na Praia do Gonzaga, em Santos, com sua irmã Margot (SOUZA, 2004).

Em meados dos anos 1950, o surf chegou à cidade do Rio de Janeiro. Quando a cidade estava passando por mudanças radicais devido a transferência da capital do país para Brasília, a praia se tornou o ambiente de lazer mais procurado pelos cariocas. Foram nesses dias e ambiente, que dois grupos de amantes da praia e aficcionados pela caça submarina começaram a praticar o surf nas ondas da Praia do Arpoador, com pranchas de madeira (GUTENBERG, 1989).

Irency Beltrão, Arduíno Colassanti e Múcio Palma faziam parte de um outro grupo de surfistas cariocas que contribuíram para o desenvolvimento do surf de maneira importantíssima, principalmente em relação à construção e material das pranchas. De acordo com Gutenberg (1989), esse grupo pode ser considerado a semente que deu início à árvore genealógica do surf nacional. Com a primeira

prancha feita de madeirite por um especialista, Irencyr começou uma nova era no surf do Brasil.

O australiano Peter Troy foi um personagem importante no cenário histórico do surf no Brasil, quando em 1964, surfou com uma prancha de fibra de vidro trazida da Califórnia por Irencyr Beltrão, numa demonstração que modificou profundamente o surf no país. Enquanto surfar significava apenas ficar em pé o máximo de tempo possível sobre as madeirites, Peter manobrou a prancha de fibra de uma maneira até então nunca vista, o que despertou em todos a vontade de surfar daquele jeito com aquelas pranchas. Esse fato fez o surf se popularizar, e em junho de 1965 foi fundada a primeira entidade de surf do país, a Federação Carioca, que em outubro do mesmo ano, realizou o primeiro campeonato da modalidade (GUTENBERG, 1989).

Gutenberg (1989) relata que a partir de 1970, o surf, o surfista e sua cultura foram descobertos através dos grandes festivais de surf que aconteceram em Ubatuba, São Paulo, e mais tarde em Saquarema, no Rio de Janeiro. “Numa época ainda marcada pela revolução de 64 e o movimento de contra-cultura que tivera sido estabelecido à sociedade”, os festivais representavam bem o que os jovens estavam procurando. Isto é, o surf serviu como válvula de escape para aquela geração poder voltar às raízes, à alienação, ao encontro com a natureza e com valores que não seriam traídos.

Ainda de acordo com Gutenberg (1989, p.109):

[...] o surfista ficou tachado, por muitos setores da sociedade, como um alienado, um perdido ou mesmo um drogado [...] quase todos os grupos de jovens da época, com raras exceções, também eram alienados, ou mesmo bem mais radicais que os surfistas [...] se todo mundo curtia, era inevitável que sobraria para os surfistas a culpa geral [...] ficou fácil dizer que eram apenas vagabundos de praia, alienados, cabeludos e irresponsáveis.

Em seu artigo “Notas sobre surf, mídia e história”, Fortes (2008) relata que os surfistas sofrem pela falta de apoio dos pais e familiares, desde a primeira geração de surfistas brasileiros, e que o estigma continua, apesar da modalidade estar estabelecida profissionalmente.

Dentro da história, Carlos Eduardo Siqueira Soares, o Penho, é considerado o primeiro surfista brasileiro, não por ter sido o primeiro a pegar onda, mas aquele que se dedicou e assumiu o surf inteiramente na sua vida. Ele foi o primeiro brasileiro a viajar atrás de ondas, a ir ao Havaí, onde conheceu Duke Kahanamoku e disputou o famoso *Makaha International Surfing Meeting*, e foi ele que, em 1969, retornando do Havaí, trouxe para o Brasil o que já havia modificado o surf no mundo, as pranchas *minimodels*. Essas pranchas eram menores, mais leves e traziam uma significativa mudança no bico, que agora passava a ser pontudo, o que as tornaram mais ágeis e velozes. As *minimodels* começaram a ser fabricadas no Brasil e uma nova linha de surf surgiu, novas manobras apareceram e toda uma geração de surfistas sofreu esse impacto (GUTENBERG, 1989).

Nos anos seguintes, o surf viveu um auge, surgiram os jornais e revistas especializados, o primeiro programa de surf na televisão, as empresas de roupas, pranchas e acessórios para surf, os surfistas estrangeiros começaram a aparecer por aqui e os campeonatos se tornaram mais frequentes. O estereótipo negativo do surfista começou a ser modificado e a estrutura do esporte se ampliou consideravelmente com a fundação da Associação Brasileira de Surf Profissional - ABRASP, em 1986 (GUTENBERG, 1989).

Concluindo, o autor do livro “A história do surf no Brasil”, Gutenberg (1989) relata que desde os anos 1930 o surf evoluiu muito no Brasil, como esporte e atividade social/profissional, mesmo passando por muitas dificuldades e obstáculos, que foram superados graças ao trabalho dedicado, ao talento e determinação de muitos surfistas.

2.2 A PRÁTICA DO SURF NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

De acordo com Steinman (2003), até os seis anos de idade a criança deve praticar atividade física de forma recreacional e prazerosa, que favorecem o desenvolvimento de habilidades físico-mentais, as quais permitem que ele ganhe aptidão, coragem e aproveite o tempo disponível.

Dos seis aos doze anos de idade é recomendado que as crianças tenham contato com diversas modalidades esportivas, entre elas o surf, um esporte que favorece o desenvolvimento simétrico e global do corpo em crescimento. Neste período da vida da criança, o objetivo é torná-la um atleta completo, e não um surfista precoce (STEINMAN, 2003).

Segundo Souza (2004), entre as décadas de 1980 e 1990 surgiram as escolas de surf ao longo do litoral brasileiro, as quais têm por objetivo ensinar a prática da modalidade. Estas escolas de surf, geralmente, são divididas em turmas de iniciantes, que são agrupados por faixa etária (crianças, adolescentes e adultos), intermediários e aqueles que já sabem surfar.

No início da puberdade, entre doze e quinze anos de idade, quando ocorre a explosão dos hormônios sexuais e de crescimento, o adolescente fica mais suscetível a sofrer lesões, devido ao encurtamento dos músculos e tendões, causado pelo crescimento acelerado dos ossos, o que reduz significativamente sua flexibilidade. Nesta faixa etária deve-se desenvolver o espírito de equipe, o respeito pelo esporte e suas regras, o trabalho por um objetivo (STEINMAN, 2003).

Neste sentido, Silva, Teixeira e Goldberg (2003) apontam que a adolescência é um período permeado por significantes mudanças físicas, psicológicas e sociais, em que componentes físicos caracterizam a puberdade. A fase da puberdade envolve alterações fisiológicas naturais da idade, além do acelerado ganho em estatura e massa corporal e o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários.

Como acontece com quase todo esporte, a prática do surf representa riscos de lesões. Os poucos estudos sobre o assunto revelam que a maioria das lesões entre surfistas é causada por choques com a prancha e pela execução de manobras, resultando, respectivamente, em cortes e entorses². Tais estudos revelam ainda, que a incidência de lesões no surf é muito inferior àquela encontrada em outros esportes (BASE et al. 2007; BOOTH, 1995; STEINMAN, 2003). Desse modo, Barbanti (1994) observa que, independentemente do tipo de modalidade

² “É um tipo de lesão articular, que quase sempre ocorre quando o movimento numa articulação excede a amplitude normal do movimento, pode ser causado por um oponente ou por condições ambientais. Pode ainda se causado por um movimento descordenado além da amplitude normal” (BARBANTI, 1994, p.100).

praticada, há necessidade de um bom preparo físico para aproveitar ao máximo as alegrias do esporte.

Em relação ao surf competitivo na infância e adolescência, Steinman (2003) afirma que a partir dos quinze anos de idade, a participação em campeonatos deve ser estimulada, pois é a partir desta idade que o surfista começa a se tornar um especialista, e com os treinos aprimora seu condicionamento cardiovascular, força, resistência muscular, velocidade, elasticidade, flexibilidade, coordenação motora e velocidade de reação.

No contexto esportivo geral, De Rose Jr (2002) expõe que existem muitas controvérsias quanto a participação de crianças e jovens em competições, principalmente em relação a idade ideal para iniciar em competições, que de acordo com estudos acontece por volta dos onze anos. Para ele, somente quando o equilíbrio entre fatores físicos, fisiológicos, psicológicos e sociais, e entre eles e a demanda da tarefa existir, o que acontece somente no período da adolescência, entre doze e quatorze anos de idade, o jovem deve participar de competições. Conforme o autor menciona, vários autores afirmam que até os doze anos de idade a criança não deveria participar de competições formais, pois é somente a partir desta idade que ela começa a ter compreensão madura e raciocínio compreensivo suficientes para entender as nuances do processo competitivo.

Toda competição exige preparação e treinamento e isso pode ocorrer precocemente, causando diversos problemas à criança. Uma série de estudos aponta os efeitos do treinamento precoce no aparelho locomotor e cardiorrespiratório, na coluna vertebral, no crescimento e na maturação sexual (DE ROSE JR, 2002, p.73).

As competições, para Souto (2002), são um meio que pode proporcionar tanto reconhecimento quanto frustração, dependendo do rendimento alcançado por jovens atletas. Com a vitória vem a ansiedade por conseguir maior reconhecimento e com a derrota vem a frustração, aliada a ansiedade por recuperar o que não alcançou. Se esta demanda emocional se torna constante, igualmente se torna inadequada para crianças e adolescentes.

Ao mesmo tempo em que estas implicações podem ocorrer, muitas outras mudanças, entre elas mudanças positivas, ocorrem com a criança que inicia uma prática esportiva em seus primeiros anos de vida. Como afirma Steinman (2003), o

surf atua favoravelmente na integração comunitária da criança e do adolescente, despertando sua responsabilidade ecológica, estimulando sua consciência para a importância da saúde física, mental e espiritual.

Nas palavras de Bartholomew (1988, p.5, tradução nossa):

[...] desde o primeiro dia o surfista embarca numa viagem em águas desconhecidas, uma viagem marcada com triunfos e fracassos pessoais, uma viagem que reestabelece completamente suas prioridades e atitudes básicas para a vida.

Sendo assim, pode-se entender que o surf promove a inclusão social do ser humano em desenvolvimento. Este, a partir do momento que começa a surfar, adota um estilo de vida particular, inerente a este esporte.

2.3 O ESTILO DE VIDA DOS SURFISTAS

O surf é considerado muito mais que um esporte, é um estilo de vida, um estado de espírito, é liberdade, é integração com a natureza. Como afirma Bukão (2008), “O surf é algo que mistura esporte, paixão, estilo de vida, comportamento, lazer, meio de vida e, em alguns casos, até fantasias”.

Kelly Slater, o maior fenômeno do esporte e nove vezes campeão mundial de surf diz em sua biografia *“Pipe dreams: a surfer’s journey”*: “Nada se compara à emoção de pegar onda, às amizades e ao estilo de vida. O estilo de vida dos surfistas gira em torno da camaradagem” (SLATER, 2004, p.15).

Para Farias (2000, p.12), “surf é algo envolto em sol, areia, mar e jovens em movimento sincronizado de suas pranchas com as ondas. Caras sorridentes na areia e arrepiantes manobras no mar”.

Independente de serem surfistas amadores ou profissionais, o básico é se divertir, como afirma Bueno (1999). Para ele, os surfistas que realmente aproveitam e curtem o essencial do esporte, que é a velocidade e a suavidade de deslizar em sintonia com uma onda, com certeza surfarão para sempre. Os que mais se divertem na água geralmente são os melhores surfistas.

De acordo com Gutenberg (1989), “essa tribo que já foi chamada de nômade, vive num mundo espiritual diferente e possui um sentimento exclusivo, muitas vezes egocêntrico, são criaturas da Terra que vivem conectadas ao mar”. Com esta mesma visão, Souza (2004, p.14) acrescenta que:

a tribo nômade do surf fala mil línguas e se entende em uma só: ‘a paixão pelo esporte’. E no dialeto universal do surf não existem regras, e sim consenso: ‘ama-se a natureza, preserva-se o mar e investe-se na qualidade de vida’.

Macedo (2003) acredita na legitimidade de analogias religiosas e na força espiritual que a relação com o oceano dá aos surfistas, principalmente o tubo, que distingue o surf de todas outras interações do homem com o oceano, pois percebe como um manifesto religioso, a descrição que surfistas autênticos fazem sobre suas sensações no surf. O mesmo autor coloca ainda, que estar dentro de um tubo é a forma mais interativa e mais íntima de estar ligado ao mar. Portanto, caso se conheça somente o surf da praia no verão, dificilmente se compreenderá esta vertente subliminar do surf.

Do ponto de vista de Tom Carroll, um dos maiores surfistas de todos os tempos, em seu livro “A onda interior”:

o surf, para mim, era armar uma fogueira na praia antes de clarear, esperando o sol nascer sobre o Pacífico; surfar o dia inteiro debaixo do escaldante sol de verão australiano e sobreviver ao inverno apenas com uma camiseta de algodão e bermudas feitas de calças velhas; ficar procurando por pedaços de parafina na praia [...]. Era incrível fazer parte dessa energia da praia. Havia a excitação da rebeldia e a sensação de que estávamos envolvidos em algo muito distante da monotonia do dia-a-dia: a rotina e as responsabilidades (CARROLL e WILLCOX, 1998, p.251-252).

Mas existe um lado no surf que não remete totalmente às sensações descritas anteriormente. Segundo Kojin (2009), os surfistas criaram seu próprio universo pela necessidade de se sentirem livres e ousaram viver segundo seus valores, mas o surf, enquanto esporte competitivo, é repleto de regras que se chocam com qualquer noção de liberdade. Para ele, ser surfista não é fácil, ser livre muito menos. No mundo do surf profissional atual, o surfista precisa usar as roupas do patrocinador, dar autógrafos em dias de ondas perfeitas, explicar suas opções de

pranchas, e estar sempre disponível para a mídia. Não pode optar por fazer o que realmente quer.

Sobre patrocínios no surf, Brooks (1988, p.288, tradução nossa) coloca que estes existem em vários níveis. Produtos gratuitos e adesivos para prancha vêm em primeiro lugar e um talentoso surfista jovem não deve ter muita dificuldade em conseguir. Mesmo no nível mais baixo de patrocínio, ele recomenda que se obtenha um acordo escrito, o qual claramente define quais são as expectativas do surfista, assim como o que o patrocinador espera do surfista. E afirma, quanto mais campeonatos se ganha, mais patrocínios pode-se conseguir.

Para Fortes (2008, p.9), os patrocínios contribuem para o fortalecimento do esporte profissional, ao passo que, para a empresa patrocinadora, ter a marca associada aos atletas (sobretudo, se estes forem vencedores), além de ser uma forma de divulgá-la, mostra que ela investe no esporte, o que é muito valorizado por publicações e atletas.

Um bom técnico/empresário pode ajudar o surfista a conseguir patrocínios, melhorar o patrocínio existente, planejar suas viagens, comprar suas passagens, e pode, mais do que qualquer outra pessoa na vida do atleta, ajudar o surfista a direcionar sua carreira e seu treinamento, a avaliar sua performance e em quais aspectos pode melhorar (RICHARDS, 1988, p.43-44, tradução nossa).

Segundo Franco (2000), um dos maiores desafios para qualquer competidor é saber ganhar e saber perder, o estresse e a pressão das competições afetam desde amadores até atletas do mais alto nível, desse modo, as questões psicológicas e emocionais se tornam determinantes na conquista de seus objetivos. Desta forma, o surf competitivo, assim como os outros esportes, envolve aspectos psicológicos e a necessidade de uma preparação psicológica para um bom desempenho é certa.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os passos metodológicos adotados na realização da pesquisa, no que diz respeito à caracterização da pesquisa, ao instrumento utilizado para a coleta de dados e à análise dos resultados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo utilizou a metodologia qualitativa, mais especificamente o Estudo de Caso do tipo História de Vida, para investigar a influência do surf na vida de uma única pessoa.

A metodologia qualitativa descreve a complexidade do comportamento humano e fornece uma análise mais detalhada sobre os hábitos, atitudes e tendências de comportamento, analisando e interpretando de forma mais aprofundada seus aspectos (MARCONI; LAKATUS, 2007). Complementando, Haguette (1995) diz que os métodos qualitativos dão ênfase nas especificidades, como origem e razão de ser de um fenômeno.

O Estudo de Caso, de acordo com Triviños (1987, p.133), “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”.

No caso particular desta pesquisa, que se propôs a verificar a influência da prática do surf na vida de uma pessoa, através de seu próprio relato, buscando retratar o sentido que o surf teve e tem na sua vida pessoal e profissional, a História de Vida foi a técnica adotada. De acordo com Haguette (1995), a história de vida valoriza a perspectiva do sujeito, pois entende que a compreensão do comportamento de alguém só é possível quando este comportamento é visto sob o ponto de vista dele mesmo.

O uso de narrativas de vida para estudos acadêmicos tem seu início considerado na psicologia, com as interpretações psicanalíticas de estudos de casos individuais, de Sigmund Freud (ATKINSON, 1998, p.3, tradução nossa).

Atkinson (1998, p.13, tradução nossa) explica que, para fazer sentido, identificar as influências na vida e interpretar as experiências, pode não haver um método melhor que a narrativa subjetiva de uma história de vida para ajudar o pesquisador a entender a vida do ponto de vista de quem a viveu.

Uma ponderação interessante sobre história de vida nos apresenta Paulilo (1999), quando diz que olhar a vida de forma retrospectiva permite uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que permite a compreensão mais aprofundada do passado. A mesma autora coloca ainda que “através da história de vida é possível entender o que acontece na interseção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se à evocações passadas” (PAULILO, 1999, p.140-141).

De acordo com Silva, Velozo e Rodrigues Jr. (2008), “para compreender o que os sujeitos são, como pensam e vivem, é necessário estabelecer relações com o passado”. Para estes autores, no convívio com pessoas que realizam determinadas práticas corporais é possível conhecer os significados conferidos ao corpo e às próprias práticas, assim podendo identificar as razões de certas ações; ao relacionar o que as pessoas falam e fazem com a dimensão social onde vivem pode-se vir a saber o que são alguns fenômenos, como o lazer, o trabalho ou a busca pela beleza corporal.

Em termos de pesquisa, Stadnik (2008, p.1-2) citando Bronfenbrenner, entende que o comportamento das pessoas em diferentes ambientes e a forma como a relação que existe entre cada um destes ambientes pode afetar o outro são dificilmente abordados, e o reconhecimento de que os acontecimentos fora do ambiente imediato, onde as pessoas estão inseridas, podem influenciar seu comportamento dentro daquele ambiente é mais dificilmente abordado ainda.

“[...] pensar no sujeito conectado ao seu meio ambiente é algo essencial, afinal o desenvolvimento humano jamais ocorre no vazio, está sempre num determinado contexto e expresso num comportamento” (STADNIK, 2008, p.2).

O sujeito da pesquisa recebeu o nome de Kanaloa, em homenagem ao antigo Deus havaiano do Oceano, e também para que sua identidade fosse preservada.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Nesta pesquisa foi utilizada a entrevista semi-estruturada para obtenção dos relatos de vida de Kanaloa.

A entrevista seguiu um roteiro previamente elaborado pela autora, composto por cinco blocos que abordam a história de vida do sujeito de pesquisa, sendo validado pelo professor orientador.

Na elaboração das perguntas procurou-se não perder de vista o tema principal. Conforme eram dadas as respostas, alguns ajustes foram necessários nas perguntas do roteiro, para que se pudesse atender o objetivo da pesquisa.

A técnica mais utilizada para investigação em história de vida é a entrevista semi-estruturada, caracterizada pela liberdade que o entrevistador tem para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Segundo Triviños (1987, p.146), a entrevista semi-estruturada é

aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

Atkinson (1998, tradução nossa) relata que é impossível prever como será a entrevista de história de vida, não tanto em como será feita, mas principalmente pelo poder da experiência, ele diz que muitos alunos seus que fizeram entrevistas de histórias de vida relataram como foi significativa para eles realizar a entrevista, especialmente quando feita com alguém próximo, como um parente ou esposo.

Todo processo de entrevistas foi dividido nas seguintes fases da vida de Kanaloa: a) a vida antes do surf; b) o início no surf e a carreira amadora; c) a carreira profissional competitiva; d) a carreira profissional como *freesurfer*; e) a vida atual e os planos para o futuro.

Para se obter todas as informações da história de vida foram realizados sete encontros, totalizando aproximadamente duas horas e cinquenta minutos de gravações. As entrevistas ocorreram na residência de Kanaloa, em encontros descontraídos, após uma breve conversa sobre o tema a ser abordado.

As entrevistas foram gravadas no modo de gravação de voz do programa *Garage Band*, em um computador Mac OS X, versão 10.5.8, e transcritas, para então serem analisadas e interpretadas.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, ainda que as transcrições sejam demoradas e cansativas, pois, de acordo com Triviños (1987), a transcrição cuidadosa da gravação permite ao pesquisador tomar atenção a todos os detalhes e a ter acesso a todas as informações cedidas pelo entrevistado, sendo que este pode ajudar a completar, destacar ou aperfeiçoar idéias expostas anteriormente.

O processo de transcrição das entrevistas seguiu regras pré-estabelecidas, conforme modelo proposto por Adriana Maria Wan Stadnik, em sua tese de doutorado intitulada “Representações e práticas de professores universitários de educação física, quatro histórias de vida”, defendida em março de 2008 (ANEXO A).

O sujeito da pesquisa assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a utilização da sua história de vida para esta pesquisa e a apresentação do seu caso no meio acadêmico, sob a condição de preservação de sua identidade (APÊNDICE B). Ressalte-se que já houve a solicitação de registro de direitos autorais deste trabalho de pesquisa.

3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme se estabeleceu ao iniciar este estudo, todas as etapas da entrevista foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra. Estes registros foram então transformados em documentos escritos, classificados de acordo com a ordem de realização, contendo dados como tempo de entrevista, local e data, além de detalhes e comentários da autora.

A análise dos dados ocorreu desde a confecção do primeiro documento escrito, procurando reconstruir a história de vida de Kanaloa, de acordo com categorias definidas previamente, a partir do objetivo principal desta pesquisa. As categorias utilizadas foram: influências pessoais, sociais, educacionais, emocionais e financeiras. Em determinados momentos foram usadas as próprias palavras do sujeito da pesquisa, no sentido de ilustrar e evidenciar alguma afirmação da análise.

Concluindo, resgata-se a visão, com a qual se concorda, de Minayo (1992 citado por GOMES, 1994, p. 79): “[...] o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser encarado de forma provisória e aproximativa”. Então, pode-se entender que em se tratando de ciência, qualquer afirmação pode superar conclusões anteriores, assim como pode ser superada por novos estudos.

CAPÍTULO 4

A HISTÓRIA DE VIDA DE KANALOA

4.1 APRESENTANDO KANALOA

Kanaloa, Deus do Oceano na mitologia do antigo Havaí, referido também como o Deus dos homens do mar, foi o pseudônimo escolhido para o sujeito deste estudo, um homem do mar que viveu no Havaí o momento mais marcante de sua carreira.

Ele tem trinta e três anos, é alto e magro, de pele morena, coberta por tatuagens, que observadas individualmente, contam parte de sua trajetória de vida, cabelos castanhos escuros, curtos, usa cavanhaque e geralmente está com a barba por fazer, revelando um estilo mais despojado de aparência. Tem um estilo informal, mas de bom gosto para se vestir, prefere as cores escuras e os cortes modernos, sem extravagâncias. Na praia usa somente bermuda, e nos outros ambientes geralmente usa calça jeans e camiseta, com um dos quarenta pares de tênis que coleciona.

Kanaloa convive com a esposa há quatorze anos, casaram-se numa praia do Havaí em 2003, num momento íntimo de celebração da união que começara ali. Hoje, moram numa casa confortável, a aproximadamente quinhentos metros da praia, proximidade esta que o permite surfar todos os dias sem precisar de carro, o que o deixa muito feliz.

Quando não está surfando, a casa é o lugar que ele mais gosta de estar, junto com a esposa e o casal de cachorros, seus melhores amigos, como assim relata. E por sua casa ter tudo aquilo que ele gosta, tais como as mais de setenta pranchas de surf, que estão por toda parte, os quadros, próprios e de artistas amigos, os livros de arte e música, os instrumentos de som e os discos, sua coleção

de tênis, além da área da churrasqueira, onde se reúne com os amigos, e do seu ateliê³ de arte, um mezanino com varanda para o jardim da casa.

É uma pessoa muito alegre, divertida, simpática e, ao mesmo tempo, conduz seriamente os assuntos referentes ao seu trabalho como surfista profissional, sua imagem de atleta e sua música. Em certos momentos demonstra timidez, principalmente quando o assunto é sua arte, e em sua fala percebe-se que ainda se sente inseguro como artista plástico, atividade que iniciou há pouco mais de dois anos. Tem uma boa capacidade de expressão pessoal, o que não deixa transparecer muito o fato de ser, às vezes, tímido ou reservado.

Kanaloa fala articuladamente, conta histórias de forma detalhada e engraçada, tem tom de voz grave e forte.

Para quem parou de estudar cedo, escreve e fala muito bem. Já escreveu sobre música e comportamento para duas revistas nacionais especializadas em surf, com colunas mensais, já participou de programas para a televisão, como apresentador, já protagonizou um filme de surf e *skate*⁴, e sempre é convidado para entrevistas e matérias para diversos meios de comunicação.

É um homem humilde, que reconhece suas limitações e não se vangloria pelas conquistas ao longo da carreira, mas percebe a admiração e o respeito que todos tem por ele e seu surf. Em momento algum deixa de responder ou falar sobre sua paixão pelo surf, está sempre acessível e trata seus admiradores com muita atenção.

Atualmente Kanaloa é *freesurfer*, artista plástico e guitarrista de uma banda, na qual também canta em algumas músicas.

O *freesurfer* procura obter, com sua atividade, uma nova fonte de renda, oriunda desta atitude diante do esporte. Pode ter um patrocinador que paga um salário para que ele represente sua marca, e através de fotos e filmagens este divulga seu patrocinador e sua imagem. Para ele, por certo, é melhor desfrutar o gosto amadorístico do esporte pelo esporte, em vez de somente movimentar a máquina de disputa de campeonatos.

³ Do francês *atelier*. Oficina de pintor, escultor, fotógrafo, etc. Estúdio (Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo professor Pasquale, 2009, p.87).

⁴ “É o surf praticado em pistas ou nas ruas, com pequenas pranchas com quatro rodas. É o surf do asfalto, também conhecido como skate board” (SILVA, 2004, p.176).

4.2 A VIDA ANTES DO SURF

Kanaloa nasceu no dia 17 de junho de 1976, em São Paulo, cidade onde morou até os seis anos de idade. É o segundo filho numa família de dois filhos homens. Em São Paulo, seus pais moravam em uma casa no mesmo terreno da casa dos avós, e na casa dos avós moravam alguns de seus tios, dessa época ele tem poucas lembranças, era muito novo, curiosamente lembra o nome do triciclo com o qual brincava:

“- eu gostava de andar de velotrol, meu irmão fala que eu andava de velotrol o tempo inteiro, no quintal de casa, tinha um quintal assim, grande, de cimento, ficava pra cima e pra baixo com aquilo ali, é o único que eu lembro”.

Com o falecimento de um tio, os avós de Kanaloa decidiram se mudar para uma cidade no litoral sul de São Paulo, e sua mãe decidiu ir junto com os dois filhos. O pai de Kanaloa decidiu ficar. Sobre a mudança e o fato de o pai não os acompanhar, ele tem certa dificuldade em falar, faz algumas pausas, mas relata:

“- foi esse tempo que meu pai resolveu não, não... se mudar com a gente, conosco, e se mandou e a gente ficou lá em (cidade para onde se mudaram)”.

Dos primeiros anos na cidade litorânea, Kanaloa lembra pouca coisa, quando perguntado se lembrava da escola, de algum esporte ou de brincadeiras, ele relatou:

“- eu gostava de ir pra escola, curtia até pra desenhar e,... jogar futebol e andar de skate com meus amigos, era divertido”.

Mas o que ele gostava mesmo era de ir à praia, adorava brincar na areia, jogar futebol e nadar, o irmão mais velho era quem o levava, com autorização da mãe. Com o mar foi amor à primeira vista. Nessa época seu irmão mais velho já estava se envolvendo com o surf, ele abriu com um amigo uma pequena fábrica de pranchas na mesma rua onde moravam.

As lembranças dos primeiros anos de vida são poucas, mas todas as recordações que Kanaloa tem incluem seu irmão mais velho.

4.3 O INÍCIO NO SURF E A CARREIRA AMADORA

Foi na Prainha, nome dado a uma praia da cidade onde morava por ser uma praia pequena, com costões de pedra nos dois lados, que aos oito anos de idade, com uma prancha de isopor, Kanaloa brincou de surfar pela primeira vez nas ondas. Assim como a grande maioria, pelo menos até meados dos anos 1990, aprendeu a surfar com uma prancha de isopor. Atualmente, as crianças aprendem a surfar em escolas de surf com pranchas feitas de um tipo de espuma, as quais oferecem mais segurança e estabilidade.

Ele não lembra ao certo de quem ganhou a prancha de isopor, mas conta:

“- eu lembro que eu ficava esperando vendo a galera surfar porque eu não tinha prancha, daí meu irmão, acho que ele arrumou uma prancha de isopor, ou eu ganhei da minha mãe uma prancha de isopor, da marca Guarujá, aí eu fiquei lá tentando pegar jacaré, acho que já fiquei de pé no primeiro dia, também não lembro a data, mas depois disso eu ficava na água o tempo inteiro surfando com ela”.

Tom Carroll, consagrado surfista australiano bi-campeão mundial, também começou a surfar aos oito anos com uma prancha de isopor, como relata em seu livro “A onda interior”:

[...] no Natal de 1969, ganhei uma coolite (prancha de isopor) [...] Durante as férias eu estava remando na minha pequena prancha, pegando ondas deitado, [...] quando de repente me determinei a ficar em pé. Não pensei muito, apenas fiz [...] um sentimento incrível (CARROLL e WILLCOX, 1998, p.15-16).

Com Kelly Slater, nove vezes campeão mundial de surf e o maior fenômeno do esporte, não foi diferente, como ele conta em sua biografia “*Pipe dreams: a surfer’s journey*”:

[...] podia até ser um pedaço de isopor barato e deformado, mas, na minha opinião, era minha prancha de surf. Eu era perfeitamente feliz com ela e não via motivo para surfar em outra coisa (SLATER, 2004, p.38).

Desde então Kanaloa é um surfista. Tudo que ele queria era estar no mar surfando, mesmo que fosse com a prancha de isopor, a qual ele usou por um bom tempo, até finalmente ganhar sua primeira prancha de fibra de vidro. E foi esta prancha que fez ele gostar ainda mais de surfar, como ele descreve:

“- eu comecei a surfar cada vez mais com a prancha de isopor e comecei a ir de lado na prancha de isopor, bem rápido, aí, no final desse ano, agora não me lembro se era com oito ou com nove, meu irmão trabalhou lá na fábrica e fez um rolo com um cara e ganhou uma prancha que tinha caído de um rack⁵, a prancha não tinha quilha, ficou toda lanhada embaixo daí ele deu essa prancha pra mim. Eu ganhei essa prancha, daí eu comecei a surfar um pouquinho melhor e indo mais rápido, ela flutuava bem melhor, eu não ficava todo assado, daí eu não queria sair da água, aí que eu comecei a, aí que eu gostei mesmo do surf, eu vi que era divertido e não queria mais sair de dentro do mar”.

Este relato de Kanaloa evidencia o que Farias (2000) e Gutemberg (1989) apontam na história do surf no mundo, a existência de hierarquia na prática, ou seja, somente a realeza podia utilizar as maiores e melhores pranchas e surfar de pé. Para a plebe era mais difícil praticar o esporte pelas dificuldades em conseguir madeiras para suas pranchas, restando apenas pranchas menores e desprezadas.

Apesar de não querer sair do mar, ele achava tempo para o futebol, o esporte que ele mais gostava além do surf e que já praticava anteriormente, ele chegou a querer ser jogador de futebol, e achava tempo para o skate também, um novo esporte que ele descobriu paralelamente ao surf. O futebol era jogado com o grupo de amigos da rua onde morava, quase todos os dias no clube perto de casa, e o skate era praticado com o grupo de amigos do irmão, meninos mais velhos e que ele admirava muito.

Slater (2004) relata que desde o primeiro contato com o surf, ele não queria mais sair do mar, mas que continuou jogando beisebol e futebol americano, principalmente para se entrosar com os amigos.

⁵ “Suporte para carregar pranchas, seja no carro, na moto ou na bicicleta” (SILVA, 2004, p.160).

Com seu envolvimento cada vez maior com o surf, Kanaloa foi se afastando do futebol, mas não do skate. O skate o influenciou muito, tanto que ele tentava executar com sua prancha de surf algumas manobras do skate, evidenciando desde então sua inclinação para um surf mais radical, vertical e voador.

Aos dez anos de idade Kanaloa já se sentia um verdadeiro surfista,

“- ... com o negócio na veia, não queria mais largar, viciado no surf”.

E a vontade de estar sempre surfando era maior do que qualquer outra coisa. Foi quando ele começou a faltar aulas para ir surfar. Todos na sua família, com exceção da sua mãe, seu padrasto e seu irmão, ficaram preocupados e o julgaram pelo comportamento. Para eles, ser surfista era coisa de desocupados. Naquela época, ser surfista, competir no surf e treinar surf diariamente não era algo muito normal, até porque se sabia muito pouco sobre o esporte, quase não se via o surf na televisão ou nas revistas e jornais.

Mas Kanaloa não se abalou pela opinião da família e continuou surfando cada vez mais.

Fortes (2008) relata que os surfistas, apesar da modalidade estar estabelecida profissionalmente, ainda sofrem pela falta de apoio dos pais e familiares.

Um surfista local que já competia e era destaque em competições no país, foi sua maior influência no início. Os dois se encontravam quase diariamente na praia e Kanaloa se inspirava no seu surf.

“- ele tinha um surf muito veloz, e, bastante fluido, e também tinha uma linha de surf muito bonita, eu nem sabia o que significava aquilo mas eu me espelhei nele, foi a primeira pessoa”.

Além dele, Kanaloa se espelhava também num outro surfista local, que era também skatista e fazia as manobras mais radicais que ele já tinha visto,

“- ... o cara era fantástico [...] um talento sobrenatural na prancha e no skate, acima da média, tinha banda também [...] o cara era sinistro⁶, ele tinha o estilo muito bonito”.

O skate era algo que o fascinava, por um período durante sua infância e adolescência o skate foi tão importante quanto o surf, ele admirava skatistas profissionais e buscava realizar as manobras que eles faziam na água. “Eu andava de skate pela vizinhança todos os dias, algo que me ajudou a aperfeiçoar minhas habilidades surfísticas” (SLATER, 2004, p.39), assim como também ajudou Kanaloa em sua prática no surf.

Por volta dos dez ou onze anos de idade, Kanaloa competiu pela primeira vez, em um campeonato na cidade em que morava. Ele não lembra detalhes da competição, como data, local ou sua colocação, mas lembra que alguém o viu surfando, falou para o dono de uma loja, que mais tarde o levou para Santos para conhecer um fabricante de pranchas de surf. O fabricante das pranchas gostou dele e o levou para participar de escolas de surf competição em Santos. E assim teve início sua carreira de surfista amador.

A partir de então, sua vida mudou radicalmente. Tudo aconteceu muito rápido. Dos campeonatos locais em sua cidade, aos campeonatos em Santos, depois os campeonatos estaduais e logo o primeiro título da carreira. Aos doze anos de idade ele já passava a maior parte do tempo viajando para competir, ou em Santos na casa de seu novo técnico e empresário. Apareceram os primeiros apoiadores, fabricantes de pranchas e logo em seguida recebeu apoio de uma marca de roupas.

Para De Rose Jr (2002), a competição é tão antiga quanto a própria humanidade e existem registros da participação de jovens em competições já na antiga Grécia, nos séculos IV e V antes de Cristo. No contexto esportivo atual, as competições infanto-juvenis são cada vez mais difundidas, mas ele aponta para as inúmeras controvérsias sobre o assunto, apesar da escassez de estudos na área. Enquanto alguns autores afirmam que a competição nesta faixa etária somente traz

⁶ “Coisa ou situação esquisita, diferente, inesperada” (SILVA, 2004, p.175).

prejuízos à formação dos indivíduos, outros acreditam que a competição é um fator preponderante na formação da personalidade e na afirmação de valores morais, sociais e espirituais. Entre crianças e jovens, o ideal seria que as competições tivessem conotação de desafio, que poderia ser enfrentado com os recursos de que o atleta dispõe e respeitando o seu nível de desenvolvimento motor e esportivo.

Quando voltava para casa, ia para a escola, tentava recuperar as aulas, fazer as provas ou recuperação, mas já percebia que estava ficando difícil conciliar a escola com o surf, porque ele não queria mais saber da escola, só de surfar. Tom Carroll relata que o surf o envolveu de tal maneira, que passou a ocupar sua mente o tempo todo e por isso se afundou na escola, só fazia o suficiente para passar de ano e estava ficando completamente irresponsável (CARROLL e WILLCOX, 1998).

Nas voltas para casa também aproveitava para ficar com os amigos e surfar com eles, e agora, ainda mais fissurado por surf, andava mais com o grupo de amigos de seu irmão, todos surfistas fissurados. Muitas vezes eles viajavam até a cidade vizinha para surfar novas ondas, no carro de um dos amigos de seu irmão, o único que tinha carro na época. Kanaloa lembra um pouco das viagens no portamalas:

“- não tinha lugar no carro, eu ia lá, [...], eu ficava lá encolhidinho lá, só a cabeça, junto com as malas, era hilário, e a galera ria de qualquer coisa que eu falava já, eles viravam pra trás e me davam um tapa assim, como se fosse tipo, uma mochila não fala. [...] sempre escutando Talking Heads⁷, sempre, no volume máximo, eu falava: Nossa esses caras são loucos cara, eles só escutam essa música, essas músicas tão me deixando louco, eles escutavam tudo isso e, aos treze que eu comecei a entrar na, no esquema da música também, no mundo da música”.

E no mundo da música Kanaloa descobriu outra fonte de inspiração para seu surf e sua vida,

“- a música teve uma grande influência na minha vida bem aí com meus amigos”.

⁷ “Banda musical americana surgida em 1974, que ganhou notoriedade por fundir o rock com inúmeros ritmos, inclusive os africanos” (WIKIPEDIA, 2010).

A música foi o combustível para os jogos de futebol, para as pedaladas pela cidade, para o skate e para as sessões de surf, principalmente para as sessões de surf, porque as músicas que escutava, barulhentas e rápidas, o faziam querer extrapolar os limites, fazer manobras radicais e voar alto.

Conseguiu resultados expressivos muito rapidamente e com isso seus patrocinadores decidiram que estava na hora de Kanaloa partir para sua primeira viagem de surf internacional, para o México, ele estava com 14 anos de idade. Essa viagem foi marcante por ter sido a primeira e rendido fotos suas entubando em ondas grandes nas principais revistas de surf.

“- ...o patrocínio me deu umas cem bermudas e falou que era minha comida e eu, eu levei essas cem bermudas e me virei lá no México, fiquei dois meses lá”.

Conforme o tempo passava, sua carreira se intensificava, as viagens ficavam mais frequentes, os resultados só melhoravam, os patrocínios investiam e sua vida foi se organizando ao redor do surf.

De acordo com Brooks (1988, p.288, tradução nossa), os patrocínios no surf existem em vários níveis. Mesmo no nível mais baixo de patrocínio, ele recomenda que se obtenha um acordo escrito, o qual claramente define quais são as expectativas do surfista, assim como o que o patrocinador espera do surfista.

Complementando, Fortes (2008, p.9) acrescenta que os patrocínios contribuem para o fortalecimento do esporte profissional.

O trabalho com o técnico/empresário estava caminhando bem, Kanaloa foi, pode-se dizer, adotado por ele e é muito grato por tudo que ele fez por sua carreira. Nas suas palavras:

“- a gente andou juntos uma boa parte da vida assim, foram vários anos de trabalho, altos e baixos, coisas legais, coisas que aprendi, aprendi muita coisa que eu não teria aprendido em (nome da cidade onde morava), ele praticamente me deu assistência, e com certeza ele foi uma..., uma..., uma grande luz assim na minha, minha carreira, de repente se eu não tivesse encontrado ele ou o pessoal da Rip Wave⁸ eu não teria carreira, eu ia estar lá em, tipo (cidade onde morava) surfando bem, mas estaria lá, jogando bola, fazendo outras coisas”.

⁸ “Marca de prancha de surf fundada em 1984, em Santos. Primeira marca a apoiar Kanaloa, mais tarde se tornando sua patrocinadora” (O próprio sujeito da pesquisa, 2010).

Kanaloa considera que aprendeu lições muito importantes com ele, como por exemplo, que deveria sempre fazer o melhor de qualquer situação, saber se virar e dar valor para as coisas. Durante toda carreira de amador, Kanaloa trabalhou com este técnico/empresário.

Para Richards (1988, p.43-44, tradução nossa) um bom técnico/empresário pode ajudar o surfista a conseguir patrocínios, melhorar o patrocínio existente e direcionar sua carreira.

Os patrocínios para atletas amadores não envolviam pagamento em dinheiro, apenas ajuda de custo para participar de campeonatos e viagens. A premiação dos campeonatos amadores também não era em dinheiro, mas em passagens aéreas, bicicletas, pranchas de surf, entre outros.

Kanaloa não sabia quanto recebia para as viagens ou campeonatos, ele não sabia lidar com dinheiro, nem queria. O negócio dele era surfar. Seu empresário era quem cuidava da parte financeira. Aos poucos, os patrocínios foram melhorando e o valor das ajudas de custo foi aumentando, começou a sobrar um pouco de dinheiro então Kanaloa pôde começar a ajudar a família financeiramente. Para conseguir mais dinheiro, ele também vendia alguns itens que recebia como premiação.

“- eu comecei naquela época já ajudar até em casa, que tipo a gente passava dificuldades assim, [...] e eu me lembro que eu ajudei muito com o dinheiro que eu ganhei como Amador e os prêmios também, comecei a ganhar bicicleta, era tanta coisa que todo final de semana eu ganhava alguma coisa e vendia tudo, prancha, roupa, tudo, todo dinheiro era sagrado, parecia que ajudava todo mundo em casa”.

Mas enquanto os resultados e os patrocínios melhoravam, na escola a situação estava ficando cada vez mais complicada. A ausência de Kanaloa devido aos campeonatos e viagens era cada vez maior e os professores começaram a demonstrar impaciência com a situação. Para ele, os professores não entendiam que ele estava levando o esporte a sério e não o ajudavam. Kanaloa tentou estudar até onde foi possível, mas na oitava série do antigo ensino de 1º grau, ele teve que abandonar os estudos,

“- ou era pegar a chance da vida ou largar ou perder tudo, e eu resolvi pegar a chance da vida”.

Neste sentido, Souto (2002, p.28) relata que:

a prática desportiva competitiva pode assumir uma importância tal na vida do jovem, que o mesmo passará a priorizá-la, em detrimento aos jogos e brincadeiras indispensáveis ao seu desenvolvimento, bem como à sua formação escolar.

As conquistas enquanto amador, quando faz um balanço de seus principais resultados, foram excelentes. Kanaloa foi bicampeão paulista mirim, campeão brasileiro júnior, bicampeão paulista amador, além de ter sido campeão mirim e júnior da cidade onde morava. O título de bicampeão paulista amador foi o que considera mais marcante e que o levou a ser respeitado como surfista. Ele tinha apenas quinze anos de idade, era da categoria júnior, e o nível do circuito paulista era altíssimo.

Os resultados expressivos lhe custaram muitas lesões, lesões estas que o assustavam:

“- eu era muito magro e gostava muito de fazer as manobras muito radicais na época assim, [...] inverter a prancha pra tudo quanto é lado, toda hora saía machucado, e as lesões, elas fizeram parte da minha, da minha trajetória como amador”.

O medo de não voltar a surfar a cem por cento da sua capacidade, aliado ao fato de não ter condições financeiras para bancar um tratamento especializado, eram os piores dos pesadelos. Kanaloa se viu obrigado a aprender a lidar com as lesões e aceitar os dias fora da água se recuperando, situação que segundo ele, foi uma batalha.

Num estudo sobre lesões em surfistas profissionais, Base et al. (2007) relatam que existem poucos trabalhos na área, embora o surf seja um esporte de expressão, mas concluem que as lesões mais frequentes são causadas por choques com a prancha, resultando em cortes; e as manobras são responsáveis pelas entorses, caracterizando o segundo maior tipo de lesão entre surfistas. Os resultados encontrados por estes autores são os que aparecem com maior frequência também nos poucos estudos prévios sobre o assunto.

A batalha não era apenas relacionada às lesões, mas também com todas as situações que um competidor enfrenta, como as derrotas, por exemplo.

As derrotas são vividas pela maioria no meio competitivo, como diz De Rose Jr (2002), e quando se tornam constantes, levam a criança a se questionar sobre a validade do processo, quando, então, aqueles que não possuem capacidade e habilidade suficientes para um bom desempenho se sentem desencorajados e ameaçados pela competição.

Como no começo da carreira Kanaloa ganhava muitos títulos, quando as derrotas começaram a ser mais frequentes e seu corpo começou a mudar rapidamente, ele encontrou muita dificuldade para lidar com estas mudanças. Ele não sabia como reagir às derrotas e não conseguia perceber que as mudanças requeriam atenção, como o tamanho das pranchas que ele usava, que precisavam ser ajustadas ao seu corpo em crescimento.

Sobre isso, Silva, Teixeira e Goldberg (2003) apontam que a adolescência é um período permeado por significantes mudanças físicas, psicológicas e sociais, onde os componentes físicos caracterizam a puberdade.

Além disso, ele acreditava que bastava ficar na água o tempo todo surfando para ser sempre o vencedor, assim como a maioria dos profissionais acreditava, de acordo com Carroll e Willcox (1998), que surfar era o suficiente para estar em forma para as competições.

“- acho que eu frustrava muito fácil, achava que eu podia, sei lá, ganhar tudo acho, e eu era tipo, dentro da competição adorava competir porque começava a competir e dava uma sensação boa, começava a ganhar, dai eu não queria só ganhar a bateria, eu não queria ganhar um campeonato, queria ganhar cada bateria e dar show, parecia que era uma coisa assim igual entrar num palco, igual cantor de rock vai lá pra dar um show, e eu esquecia tudo, podia me machucar e eu não tava nem aí, mas eu queria ali tipo dar meu máximo”.

Essa sua característica de querer extrapolar os limites sem pensar nas consequências o deixava cada vez mais frustrado, mas apesar de todas essas dificuldades envolvendo sua maneira de lidar com a derrota, as lesões e as mudanças, ele conseguiu dar continuidade a uma brilhante carreira amadora.

Kanaloa parece se enquadrar no que Silva, Teixeira e Goldberg (2003, p.431), descrevem como o adolescente “naturalmente imediatista, questionador de padrões pré-estabelecidos e com constantes flutuações de humor e estado de ânimo”.

Enquanto amador ele ainda foi à ilha caribenha de Barbados competir no Mundialito Amador de 1992, onde ficou com a segunda colocação na categoria júnior. Ele também foi à Costa Rica, onde participou de outro campeonato amador de nível internacional e por duas vezes, ao Havaí. Essas foram as viagens que ele recorda, e de cada lugar tem histórias incríveis para contar.

Sobre o Havaí as histórias são muitas, mas o que mais impressiona é que desde a primeira vez que surfou nas ondas gigantes do arquipélago, o gosto pelas ondas grandes e tubulares o contagiaram.

“- o Havaí era meu sonho, eu queria pegar aquelas ondonas lá, eu me lembro que eu cheguei no Havaí, o (técnico/empresario) só falou assim...ele já tinha morado no Havaí, ele falou ‘ó toma cuidado’ e me deu um capacete, ‘usa isso aqui’, já sabia que eu já tinha gosto pelas ondas grandes, e isso, a, a parada do som, esse negócio de querer ser hardcore⁹, de ser mais atirado, eu sempre quis fazer isso aí, eu não queria ser igual às outras pessoas, todo mundo tinha medo de Pipeline¹⁰, eu cheguei lá no primeiro inverno lá, primeira queda não surfei nada, na segunda estavam todos os caras, Sunny Garcia, Johnny Boy tal tal tal, todos os caras sinistros na parada, veio uma onda assim eu falei opa essa onda é minha, remei que nem um louco, e nisso um cara que morava lá é... sempre, ele me deu um toque assim importante ‘sempre que você remar numa onda, você rema com tudo e dá um berro gigante’, se você tiver bem posicionado a onda é tua”.

Em sua primeira temporada havaiana, Kanaloa aprendeu na marra a se virar no meio dos outros surfistas, quer na casa onde alugou um quarto, quer no outside¹¹ com os surfistas locais mais intimidadores do planeta. Como ele sempre manteve uma atitude discreta fora da água, era tranquilo, humilde e respeitava os outros surfistas, nunca enfrentou problemas de localismo ou de brigas relacionadas ao surf. Preferia ficar mais na sua, sem se gabar de suas conquistas, o que ele considera seu ponto forte. Lidar com os outros brasileiros que alugaram a mesma casa era tarefa das mais difíceis, como ele era o mais jovem e franzino também, os outros o tratavam como calouro, aprontando com ele sempre que tinham uma oportunidade. Ele conta que precisou colocar tudo que havia aprendido até então em prática:

⁹ “Palavra que define uma situação extrema ou mesmo uma atitude radical” (SILVA, 2004, p.83).

¹⁰ “Praia com surf bonito e feroz, localizada na costa norte da ilha de Oahu no Havaí, onde acontece todos os anos o venerável campeonato Pipeline Masters” (WARSHAW, 2003, p.463).

¹¹ “A região logo após a arrebentação das ondas no mar” (WARSHAW, 2003, p.436).

“- ...parece que você está no exército mas não está no exército, tem que ser, o cara tem que ser safo¹², tudo que ele aprendeu quando criança tem que colocar ali em prática [...] ou você sobrevive ou você volta pra casa, sabe assim, tipo é, só os fortes sobrevivem, daí que eu gostei do Havaí também”.

A grande maioria dos surfistas jovens passa pelo mesmo que Kanaloa passou em seu primeiro inverno havaiano, tornando essa prática quase que um ritual entre surfistas do mundo todo, desde muitos anos atrás, como conta Tom Carroll:

[...] fiquei com uma galera casca grossa na minha primeira viagem ao Havaí, em outubro de 1978. [...] Com dezesseis anos de idade, tive que ralar para aprender a sobreviver; não podia depender de ninguém para cuidar de mim, [...] não podia depender de ninguém nem para uma carona. Quando os caras mais velhos remavam para sair, não me avisavam, e eu ficava para trás, totalmente desamparado. Eu era apenas um pequeno haole¹³ sardento perdido pelo North Shore (CARROLL e WILLCOX, 1998, p.44).

Durante suas viagens, Kanaloa procurava conhecer os surfistas locais, conversar sobre assuntos variados, como música e cultura, para não ficar falando só de surf, e assim ele conquistava a amizade das pessoas por onde passava. Gostava de ficar bastante tempo nos lugares novos, sempre se virando como podia para pagar a estadia e alimentação, muitas vezes vendia suas roupas ou pranchas. Fora que sempre contou com a simpatia de muitos povos por ter a pele escura e parecer um deles. Por não parecer exatamente de um lugar específico pelo seu tipo físico, algo que considera muito valioso, tendo em vista os inúmeros problemas de localismo que acontecem durante viagens a lugares novos.

No Mundialito de Barbados, ele conta que na final os locais estavam torcendo por ele:

“- tipo eu tenho essa pele escura, cara cabeludo, os caras não sabiam se eu era um mix¹⁴, do que que eu era”.

¹² “Gíria brasileira. Diz-se daquele que age com esperteza e iniciativa” (Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo professor Pasquale, 2009, p.515).

¹³ “Como são chamados os surfistas ‘de fora’, que não são frequentadores daquele lugar” (SILVA, 2004, p.82-83).

¹⁴ “De mistura. Cruzamento de seres, raças e até espécies diferentes” (Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo professor Pasquale, 2009, p.397).

Kanaloa relata que a carreira amadora foi muito boa no começo, com muitas vitórias, viagens, patrocínios e o apoio de seu técnico/empresário, e que apesar do sucesso imediato, nunca explorou o fato de ser um bom surfista para conseguir coisas, sempre procurou ser humilde. Se identificou desde cedo entre os mais *underground*¹⁵, em suas palavras:

“- eu sempre me identifiquei com a galera mais underground [...] eu queria ser a tribo da esquerda, a galera de preto, [...] do som, hardcore, sou eu”.

Nos anos que se seguiram as vitórias não eram mais tão frequentes e os problemas começaram:

“- eu comecei a perder em certos mares, começava a ficar frustrado, começava não sei o que tal, quebrava prancha, não conseguia lidar muito bem com isso”.

E sobre os últimos anos como surfista amador, ele conta:

“- no final da minha carreira amadora que eu não conseguia balancear muito bem, tudo pra mim era tentar dar o show, [...] o negócio que era só fazer o básico pra ganhar e se dar bem e fazer tudo, mas não, tinha que ir lá e ser do contra e dar o show, e fazer do meu jeito, não sei porque, de onde saiu isso [...] depois anos pra frente que eu olhei pra trás e fiquei pensando, que a gente acaba se complicando de bobeira assim, quando você não tem muita instrução, muita base, e, quando você é amador você não tem muita base, tem que aprender com os mais velhos, no surf é uma coisa, ninguém te ensina muitas coisas”.

Suas palavras confirmam o que Franco (2000) acredita ser o que muitos atletas, independente de serem amadores ou profissionais, realmente buscam: a maestria, uma forma de recompensa mais elevada, a qual o permite dizer, a si próprio ou para outras pessoas, o quanto é bom naquilo.

¹⁵ “Expressão usada no meio do surf para designar um grupo ou uma pessoa que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia” (O próprio sujeito da pesquisa, 2010).

4.4 A CARREIRA PROFISSIONAL COMPETITIVA

Depois de uma carreira vitoriosa como amador, aos dezoito anos de idade Kanaloa sentiu que era hora de se profissionalizar. O fato de não ter conseguido um resultado mais expressivo no Campeonato Mundial Amador que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro no início do ano de 1994 foi determinante. Para ter certeza que era aquilo mesmo que queria, Kanaloa viajou para a África do Sul e Europa e participou de algumas etapas do circuito mundial profissional, ainda como amador. Voltou da viagem um jovem promissor surfista profissional, depois de conseguir bons resultados nas etapas que competiu, considerando que precisou competir desde as triagens.

Durante os anos que competiu profissionalmente, entre 1994 e 2000, o circuito mundial da Associação dos Surfistas Profissionais - ASP era dividido em *World Championship Tour* - WCT e *World Qualifying Series* - WQS. O WCT sendo a divisão de elite com apenas quarenta e oito surfistas e o WQS a divisão de acesso, uma sequência de eventos menores abertos a qualquer um. Tanto no WCT quanto no WQS, pontos são concedidos a cada evento. Através de um ranking com a pontuação dos atletas e de acordo com a posição neste ranking ele se qualificava para o WCT ou permanecia no WQS (Slater, 2004, p.143).

Portanto, para surfistas iniciantes no circuito, ainda sem pontuação, assim como Kanaloa, era necessário competir desde as triagens, regra que se aplica até os dias atuais.

Kanaloa se inscreveu para competir nas três etapas do circuito mundial que aconteceram no Brasil em 1994, sendo a primeira na Praia de Pitangueiras, no Guarujá, a segunda na Praia da Joaquina, em Florianópolis e a terceira na Praia de Itamambuca, em Ubatuba. No primeiro campeonato, Kanaloa ficou em segundo lugar, subindo ao pódio ao lado de um de seus ídolos no surf, o australiano Matt Hoy. No campeonato seguinte chegou às quartas de final e no último campeonato, que encerrava a passagem do circuito mundial no Brasil aquele ano, o *Sea Club Final Heat*, Kanaloa sagrou-se campeão, subindo ao pódio mais uma vez ao lado do ídolo Matt Hoy, mas desta vez foi Kanaloa quem levantou o troféu.

As dificuldades que surgiram no final da carreira amadora estavam definitivamente para trás. Entrar na categoria profissional com estes dois resultados foi mais do que ele poderia sonhar e esperar. Os resultados nas etapas do circuito mundial que aconteceram no Brasil naquele ano o colocaram numa boa posição no ranking nacional de surf também. Numa época que o circuito brasileiro de surf profissional era muito respeitado, este fato o projetou muito no país. Com isso, a mídia voltou suas atenções para Kanaloa, agora um promissor surfista profissional participante do circuito mundial, que no seu primeiro ano conseguiu resultados que quase o colocaram na elite do surf mundial, o WCT.

Depois da passagem do circuito mundial pelo Brasil, Kanaloa embarcou para o Havaí precisando apenas de alguns pontos para se classificar para o WCT. Por obra do destino, uma de suas pranchas se extraviou na viagem, exatamente a prancha que usaria no campeonato. Sem a prancha certa para competir, ele não alcançou os pontos necessários para ingressar no WCT do ano seguinte, ficou fora da elite do surf por duas posições. Sobre seu primeiro ano como surfista profissional, Kanaloa lembra:

“- viajei um monte, curti, chegou no final do ano tive esses bons resultados aí fui pro Havaí [...] foi um bom ano de circuito mundial pra mim”.

Assim que se profissionalizou, Kanaloa foi contratado por uma marca de roupas de surf, a qual o patrocinou durante toda carreira profissional competitiva. Teve também co-patrocínios, como lojas de surf e marcas de tênis. Foi então que começou a receber salário em dinheiro. Seu técnico/empresário continuou a cuidar da parte financeira, separando cotas para viagens, inscrições de campeonatos, pranchas, hospedagem e alimentação. Apesar de não ter que se preocupar com o dinheiro que recebia, Kanaloa aos poucos começou a aprender a cuidar de seu dinheiro, mesmo ainda não gostando muito, principalmente para poder ajudar a família. Ele se deu conta que era preciso ter o mínimo de controle para não gastar mais do que recebia, além de tentar fazer sobrar um pouco para ajudar em casa e para começar a construir um patrimônio.

Uma das primeiras coisas que Kanaloa fez quando se tornou profissional e passou a receber dinheiro dos patrocinios, foi alugar um pequeno apartamento nos fundos da casa dos avós para morar sozinho. Ele ficava praticamente o ano todo

viajando, mas quando retornava ao Brasil queria ter seu canto, um lugar onde podia guardar suas coisas e curtir música com os amigos, apesar de muitos dos seus amigos da infância já não morarem mais na mesma cidade. Um de seus melhores amigos faleceu durante uma de suas viagens, o que o deixou completamente arrasado. Agora, a maioria dos seus amigos eram companheiros do circuito, com os quais ele convivia mais do que com quaisquer outras pessoas. Eles viajavam juntos, ficavam nos mesmos hotéis, alugavam carro juntos e muitas vezes competiam juntos também. Somente no primeiro ano como surfista profissional, Kanaloa viajou sozinho, uma experiência que ele dá muito valor:

“- foi legal, foi uma experiência boa, precisava aprender inglês, me virar, aprender a cultura de outros lugares, [...] era sedento por isso, viajar e prestar atenção nas coisas”.

Como viajava desde muito novo, Kanaloa não encontrou muita dificuldade em lidar com a saudade da família:

“- procurava nem pensar tanto, só pensar que eles estavam bem e que eu tinha que fazer o meu e isso aí. Minha oportunidade era aquela e eu tinha que agarrar com unhas e dentes, saía pra viajar e nem ficava reclamando muito não, nem pensava muito em voltar pra casa”.

E foi o que ele fez, competiu integralmente no circuito mundial nos anos seguintes, viajando o ano inteiro para todos os cantos do planeta. Em 1995, viveu um dos momentos mais marcantes de sua carreira como surfista, ao competir no *Pipe Masters*. Esse campeonato acontece todos os anos na Praia de Pipeline, que fica na ilha de Oahu, no Havaí, e encerra o circuito mundial profissional de surf WCT.

“O *Pipe Masters* é a maior competição de surf do mundo, por sua história, prestígio e drama” (SLATER, 2004, p.136).

Kanaloa foi convidado para participar deste campeonato do circuito WCT porque alguns atletas não puderam comparecer. Quando isso acontece a organização do evento convida os atletas suplentes, aqueles que ficaram fora do WCT, mas com as melhores pontuações no ranking. Como ele havia ficado a duas posições de entrar no WCT, teve a oportunidade de competir no evento.

Ele ficou em nono lugar, um resultado que por si só seria um grande mérito, mas ele foi além, porque inovou ao usar uma prancha sete pés¹⁶ em ondas de doze pés, numa época que todos brasileiros usavam pranchas bem maiores em mares com ondas daquele tamanho.

Sua ousadia rendeu matérias em praticamente todas as revistas de surf do mundo, inclusive um pôster em uma revista de surf alemã. O bom desempenho conquistado no *Pipe Masters* em 1995 foi citado, inclusive, no Atlas do esporte no Brasil (BITTENCOURT et al., 2005, p.412).

Os outros resultados que ele considera marcantes foram a vitória no Pena Super Heat, etapa do circuito mundial WQS no ano de 1996, que aconteceu na praia de Icaraí, Ceará, e o quinto lugar na etapa da Nova Zelândia em 1997. Deste campeonato, ele lembra especificamente da bateria que venceu o australiano Mark Occhilupo, conhecido como Occy:

“- me lembro que fiz bateria com o Occy, ganhei dele, pra mim era tudo naquela época, ganhar de um cara assim, que tipo eu me espelhava [...] em esquerdas de um metro e meio a dois, e ali que eu vi que eu gostava muito de surfar ondas perfeitas e eu conseguia desempenhar muito bem quando o mar estava bom”.

As melhores viagens que fez enquanto competidor foram para Reunião¹⁷, a primeira vez para Austrália e todas para o Havaí. Para Kanaloa, um lugar se torna especial não apenas pelas ondas, mas também pela sua beleza natural, cultura e seu povo.

Na Austrália, o que mais lhe chamou atenção foi o respeito e a valorização que se tem pelo surf. Por onde passou foi bem tratado por ser surfista, algo que ele não percebia em nenhum outro país.

O Havaí é um lugar especial para Kanaloa desde a primeira vez que foi para lá, ainda bem jovem. Sendo assim, ele procurava ficar lá o maior tempo possível de acordo com o calendário das competições. Chegava em meados de novembro todos os anos para os dois campeonatos do WQS, e ficava até final de janeiro, quando voltava para o Brasil para ficar um pouco com a família e amigos,

¹⁶ “É a medida inglesa utilizada no surf para medir pranchas e ondas, equivale a 30,48 centímetros” (SILVA, 2004, p.139).

¹⁷ A ilha Reunião é um departamento ultramarino da França, de origem vulcânica, situada no Oceano Índico, ao leste de Madagascar (PELAYO Y GROSS, 1983, p.1.540).

antes de embarcar para a Austrália em março, quando tinha início o circuito mundial. Os meses de janeiro e fevereiro eram as férias do circuito.

A temporada de surf no Havaí acontece entre os meses de novembro e março, inverno no hemisfério norte. Na temporada 1995/1996, Kanaloa resolveu ficar direto no Havaí até o início do circuito na Austrália, em março:

“- praticamente morei lá, cheguei a passar é, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, quatro meses no Havaí, é praticamente morar. [...] nem queria voltar pro Brasil, só queria me preparar nas ondas, [...] uni o útil ao agradável e foi uma das melhores viagens da minha vida”.

Durante as temporadas no Havaí, esporadicamente, ele jogava futebol com os colegas do circuito, no campo de futebol da *Escola Sunset Beach Elementary*, que fica exatamente em frente à Praia de Pipeline. Durante todos os anos que competiu profissionalmente ele só surfava, apesar de ainda gostar muito de futebol e skate. Ele evitava praticar skate e jogar futebol principalmente para não correr o risco de se lesionar. Mas apesar destes cuidados com outros esportes, ele sofreu lesões surfando, o que é natural acontecer com qualquer atleta de qualquer modalidade esportiva.

Kanaloa conta que as piores lembranças sobre a época de competidor foram as fases em que se machucou, como quando sofreu entorses, duas no joelho e uma no tornozelo. Foram lesões que o abalaram muito, como não poderia ser diferente. Primeiro porque foi difícil lidar com a demora na recuperação e segundo porque seu desempenho nos campeonatos foi afetado.

O problema maior estava na falta de preparação para estas situações, assim como para outras que fazem parte da vida de um competidor. Kanaloa já sentia isso desde quando ainda era um competidor amador. Mas ele reconhece que parte desta falta de preparação e preocupação era natural do modo de pensar do adolescente que era, que acreditava que não precisava se preparar física ou psicologicamente. Mesmo sentindo o corpo fraco muitas vezes, sem energia e cansado, ele não entendia exatamente o que estava acontecendo.

Ele imaginou que chegaria ao circuito mundial profissional e tudo seria fácil, que simplesmente aniquilaria seus adversários como fazia quando era amador, sem ter que se preocupar com qualquer preparação física ou psicológica.

Mas o circuito provou não ser tão fácil assim e para se manter focado e motivado, Kanaloa se inspirava nos surfistas que admirava, vê-los surfando era uma das coisas que mais fazia durante os campeonatos, para aprender. Outra coisa que fazia muito durante as viagens era assistir shows de suas bandas favoritas. Em muitos lugares por onde passou para competir ele assistiu a shows inesquecíveis. Assistir suas bandas favoritas ao vivo o enchia de energia e aliviava todo o estresse da competição.

No inverno de 1994/1995, no Havaí, Kanaloa assistiu um show que definitivamente marcou sua vida. Além de ser o show de uma das bandas que mais gostava, ele não só assistiu junto de um de seus maiores ídolos, o surfista brasileiro Dadá Figueiredo¹⁸, como foi de carona com ele para o local. Ele estava ao lado de um dos surfistas que mais o influenciaram, fazendo uma das coisas que mais gostava, num dos lugares que considera mais especiais.

“- Foi uma coisa que ficou marcada, Havaí e Rage Against the Machine¹⁹, aquela fúria, aquela potência e eu lá com o Dadá Figueiredo, e isso aí pode ter certeza que marcou, me influenciou”.

O circuito mundial profissional começava a se mostrar menos prazeroso a cada ano, além das lesões, as viagens estavam se tornando repetitivas e longas, sem contar os atrasos em voos, as noites mal dormidas, a má alimentação, as mudanças de fusos horários, a falta de ondas boas em muitos campeonatos. Aliado ao fato de o julgamento não lhe parecer justo, Kanaloa sentia cada vez mais que talvez não era bem aquilo que gostaria de estar fazendo.

O julgamento não lhe parecia justo porque o quadro de juízes era formado apenas por juízes estrangeiros, nenhum brasileiro, e estes juízes rotulavam todos os surfistas brasileiros como surfistas inferiores aos estrangeiros, não distinguiam se um ou outro surfista brasileiro surfava de igual pra igual com os americanos ou australianos. Sendo assim, ele sentia que os brasileiros precisavam surfar o dobro para ganhar uma bateria contra os estrangeiros. Para ele, o critério de julgamento estava defasado também.

¹⁸ Dávio Correia Figueiredo, o Dadá, foi um dos ícones do surf nacional na década de 80, rebelde e irreverente, revolucionou todos os conceitos de surf na época (FERNANDES, 2005).

¹⁹ “O *Rage Against the Machine* foi uma das mais influentes e polêmicas bandas dos anos 90, misturando vários estilos de música com letras energéticas e politizadas” (WIKIPEDIA, 2010).

Segundo Slater (2004), tradicionalmente o julgamento no circuito mundial recompensa a escolha de ondas e a consistência em detrimento de criatividade, excluindo das competições toda a diversão. E criatividade era exatamente o ponto forte de Kanaloa, para ele o que importava era dar um show de surf, era voar alto nas manobras, radicalizar, extrapolar.

Ao perceber que os anos passavam e essa questão do julgamento não mudava, Kanaloa começou a pensar em parar de competir profissionalmente. Aos poucos ele foi vendo que seu tipo de surf não se enquadrava nas competições.

“- no final eu já estava achando que o meu surf não se enquadrava nas competições, [...] eu dava uns aéreos, fazia manobras progressivas e o pessoal achava que eu estava brincando na bateria, até meus patrocinadores [...] eu ficava indignado porque eu, eu queria surfar daquele jeito [...] porque se eu estava um pouco a frente do meu tempo e ninguém queria, ninguém conseguia enxergar, eu que paguei o pato e eu não queria mudar de jeito nenhum”.

Mesmo descobrindo que o circuito poderia não ser exatamente o que esperava ou o que queria continuar a fazer, Kanaloa continuou competindo profissionalmente até o ano 2000. Ele gostava de muitas coisas que o surf competitivo lhe proporcionava, como a alegria ao vencer baterias difíceis ou contra adversários que admirava, o dinheiro que ganhava como surfista profissional, que permitia comprar o que desejava e ajudar a família, a oportunidade de viajar e conhecer lugares e culturas diferentes e a experiência que ganhava a cada ano. Para ele o cenário competitivo ajudou a prepará-lo para enfrentar os altos e baixos da vida.

Com a mídia, Kanaloa sempre teve uma boa relação. Ele gostava de falar sobre o esporte, acreditava que suas palavras poderiam incentivar as pessoas a começarem a surfar. Ele conta:

“- como eu comecei a surfar eu queria que outras pessoas caíssem nesse mundo também, descobrissem esse mundo do surf, que é esse mundo mágico”.

A mídia especializada o cobrou resultados, pois acreditava em seu potencial, mas nada além do normal.

Quem mais lhe cobrava era ele mesmo, e em um certo ponto da carreira ele não conseguia mais suportar tanta pressão, imposta por ele próprio, que começou a descontar no seu equipamento. Chegou a quebrar algumas de suas pranchas após baterias que perdeu, tamanha era a frustração e o nervosismo. Ele descreve estas situações com certa dificuldade, porque hoje olha para trás e percebe o quanto lhe faltou preparação psicológica para enfrentar as derrotas, se manter centrado e, mais do que tudo, se manter forte.

Se para Kanaloa era difícil lidar com as derrotas e com as dificuldades de ser um competidor e viajar o ano inteiro para campeonatos nem sempre em lugares com ondas boas, para Kelly Slater, o surfista com mais títulos mundiais na história, também não era. Slater (2004) afirma que quando perdia em um campeonato, detestava os sentimentos de fracasso e decepção, e diante destas situações, não tinha confiança no seu surf, na sua prancha ou nas suas habilidades como competidor, e confessa que nunca ficava totalmente satisfeito com seu surf, estava sempre buscando melhorar, se aperfeiçoar.

Se faltou preparação, tanto física quanto psicológica, não faltou vontade de evoluir e mostrar para o mundo que o surfista brasileiro podia surfar bem em todos os tipos de ondas. Kanaloa queria muito conquistar o respeito dos colegas estrangeiros do circuito e batalhou muito para isso. O respeito dos colegas brasileiros e da mídia nacional ele já havia conquistado, anos antes, ainda como amador. Enquanto profissional solidificou sua imagem de um surfista radical e inovador, e o fato de não conquistar mais títulos não foi suficiente para mudar esta imagem.

Avaliando a carreira profissional competitiva, Kanaloa diz:

“- foi uma carreira relativamente curta, [...] praticamente cinco anos de profissionalismo, dentro das competições, [...] eu almejava estar no WCT, mas por alguma ocasião eu me machuquei, perdi um pouco o foco, não cheguei lá, fiquei duas vezes na entrada, na porta do WCT. Ganhei alguns campeonatos profissionais válidos pelo circuito mundial, todo surfista almeja isso também e, fui top do Brasil algumas vezes, circuito brasileiro, mesmo sem dar tanto foco, e foi legal, então acho que foi bem positivo e, esse período que eu me foquei nas competições foi bem válido pra eu transportar essa experiência pra minha vida atual”.

No final do ano 2000, Kanaloa sentia que precisava tomar uma decisão difícil: continuar competindo no circuito mundial ou parar de competir. O que ele iria buscar dali para frente era aprender a surfar ondas de verdade: ondas de fundo de coral, ondas grandes, ondas pesadas e perigosas. A esta altura em sua carreira, ele já havia percebido que seu surf se encaixava nestes tipos de ondas, muito mais do que se encaixava nas ondas onde aconteciam a maioria dos campeonatos, nos moldes de competição e nos critérios de julgamento. Paralelamente a evoluir seu surf em ondas boas, Kanaloa estava disposto a mudar o rótulo dos surfistas brasileiros dado pelos surfistas e juízes estrangeiros naquela época, que dizia que eles só sabiam surfar bem ondas pequenas,.

4.5 A CARREIRA PROFISSIONAL COMO *FREESURFER*

Aos vinte e quatro anos de idade, Kanaloa seguiu sua intuição e se tornou *freesurfer*, não queria mais se enganar, queria buscar algo novo. Ele acreditava que poderia ser mais feliz fora do mundo das competições. Ouviu de muita gente que o auge de um atleta acontece entre vinte e cinco e trinta anos de idade, portanto ele estava parando de competir justamente antes de atingir esta idade, mas ele não voltou atrás.

O auge da performance no surf, para Steinman (2003, p.37), “é entre os vinte e cinco e vinte e oito anos de idade, faixa que representa a média dos picos de desenvolvimento psicomotor, mental e técnico”.

Kanaloa sempre simpatizou com a filosofia de alguns surfistas pioneiros, principalmente australianos, que acreditavam que o surf arte não combinava com competição.

“- [...] o surf na Austrália é super levado a sério, e os caras ganhavam pra surfar livremente, e isso aí ficou na minha cabeça também. E um belo dia eu decidi fazer isso ai porque eu, eu também gostava dessa filosofia dos caras, que o surf é mais que um esporte, é um estilo de vida [...]”.

Para ele, a própria história do esporte remete a algo longe das competições. A magia que envolve o surgimento do surf, a milhares de anos atrás com os reis havaianos, tem um sentido mais espiritual para ele.

Kelly Slater, nove vezes campeão mundial, já parou de competir algumas vezes, mais tarde retornando ao circuito, e afirma que o esgotamento é algo comum entre os melhores surfistas, pois a vida no circuito é repleta de motivos capazes de enlouquecer qualquer competidor, como o fato de nunca estar em casa. Ele acredita que “grandes surfistas não atingem seu potencial competitivo por não compreenderem suficientemente bem o sistema” (SLATER, 2004, p.198).

Sua decisão chocou a todos, principalmente seu técnico/empresário, seus patrocinadores e a mídia especializada. Mais do que chocados, eles não entenderam o porquê da decisão.

Para Kanaloa, foi uma questão de necessidade:

“- eu não aguentava mais e foi uma decisão própria, eu estava precisando seguir outros caminhos, [...] o homem amadurece quando chega aos trinta anos, acho que o meu ciclo, eu comecei a surfar tão cedo que chegou tipo vinte anos mudou, era o meu ciclo tipo de profissional já, parecia que eu tinha meus trinta, eu queria outra coisa da vida, eu queria não mais ter que encarar uma camisa de lycra e queria focar no freesurf, mostrar o surf como uma arte, divulgar ele no Brasil também”.

A necessidade poderia lhe custar o patrocínio ou mesmo a carreira, e ele sabia disso. O patrocinador teve dificuldades para entender sua escolha e baixou seu salário, que na época era tão alto quanto o salário de um surfista brasileiro que estava na elite mundial. A relação com o técnico/empresário não foi mais possível depois da decisão e os dois encerraram a parceria que durara doze anos. A mídia especializada o criticou porque ainda acreditava que ele poderia despontar no circuito mundial, além de achar que era muito novo e um líder entre os surfistas de sua geração.

Além disso, havia os surfistas mais jovens, os fãs, os admiradores e os amigos que o abordavam indagando o porquê de tal decisão. Muitos o acompanhavam desde os primeiros campeonatos, desde os primeiros títulos, e para eles também foi difícil entender sua decisão. Foi somente nesse momento de sua

vida que percebeu o quanto havia influenciado, e continuava a influenciar outros surfistas.

Ele era, a partir daquele momento, um surfista profissional que apenas não participaria mais de competições, mas continuaria a surfar todos os dias, continuaria a viajar e divulgar seus patrocinadores, continuaria a evoluir, continuaria a difundir o esporte. E era, mais do que tudo, o mesmo surfista profissional de antes, talvez até melhor agora, já que tinha a liberdade de se expressar de forma mais livre, dentro d'água.

“- [...] no freesurf você surfa do teu jeito, a onda é longa você coloca seu estilo, você mostra quem você é, sua personalidade na onda, então depois que eu comecei a fazer o freesurf o surf pra mim melhorou muito, em todos aspectos”.

Convencer os patrocinadores e a mídia não foi tão simples assim. Com seus patrocinadores foi preciso muitas horas de conversas, além de material em revistas e programas de televisão para mostrar que era interessante pagar para um surfista viajar, fazer fotos, vídeos, e não necessariamente competir. O convite para participar do primeiro filme nacional de surf feito para o cinema foi crucial para se manter patrocinado no primeiro ano como *freesurfer*.

Nos anos seguintes, Kanaloa trocou de patrocinadores algumas vezes, ainda era difícil fazer os empresários entenderem o potencial de um *freesurfer* no Brasil. A mentalidade dos empresários que investiam no surf era a de que somente resultados em campeonatos os traria resultados em vendas.

*“- tinha que mostrar um pouco mais de retorno ou conquistar o patrocinador porque eles **não tem visão do negócio**; o negócio pra eles é grana e grana significa o cara tem que ganhar um troféu lá de pódio que vai fazer vender mais a roupa, mais ou menos isso, e isso é o lado frio do surf”.*

“- [...] eu tive que colocar na cabeça deles que tipo, quem surfa de verdade é a alma do negócio, e se esse negócio, [...] já tava se tornando grande, um grande negócio, uma surfwear²⁰ no Brasil, tinha que ter alguma alma dentro do negócio”.

²⁰ “Vestuário dos surfistas, tal como calções, camisetas e roupas de borracha” (CRALLE, 2001, p.279, tradução nossa).

Demorou algum tempo até que as coisas se ajeitassem e Kanaloa pudesse realmente viver como planejou ao parar de competir. Foi só em 2004, quando se mudou para a cidade onde reside atualmente, que o cenário começou a mudar a seu favor. Ele encontrou um patrocinador que valorizou sua proposta e acreditou no seu potencial como *freesurfer*. E o patrocinador encontrou nele a ferramenta ideal para ingressar no mercado do surf e divulgar sua marca.

O novo patrocínio era uma marca de produtos voltados ao skate, esporte que Kanaloa gostava muito desde criança, que queria entrar no mercado do surf e estava procurando algum surfista para ser o garoto propaganda, Kanaloa tinha o perfil que procuravam e assim nasceu uma parceria que durou vários anos.

Como Kanaloa sempre se identificou com o skate, prontamente se identificou com o novo patrocinador, principalmente porque no skate a competição não era o mais importante.

“- [...] o lance do skate é, o skatista ele anda pra divulgar o seu skate, nisso ele divulga a marca, ele está ali divulgando um tênis, um shape²¹, uma rodinha, a arte de andar de skate é muito mais valorizada que a competição em si [...]”.

Foram muitas viagens, eventos e visitas aos lojistas para associar o nome da marca ao nome de Kanaloa, um dos primeiros surfistas profissionais no Brasil que decidiu parar de competir. Ele acredita que sua iniciativa teve muita importância para o surf no Brasil.

“- [...] foi muito importante pra essa transição do freesurfer no Brasil, porque eu fui o primeiro freesurfer praticamente a parar e falar na mídia: - Ó, eu parei de competir e é isso aí galera, vou procurar ondas boas, vou tentar fazer isso, trabalhar com meu patrocinador [...]”.

Com o passar do tempo Kanaloa conseguiu mostrar para os surfistas e empresários que era interessante, para ambos, que o *freesurf* evoluísse como uma modalidade dentro do surf, e quando provou ser possível ser um *freesurfer* no Brasil, seus passos foram seguidos por muitos outros surfistas brasileiros, igualmente insatisfeitos com as competições.

²¹ "Formato; a forma de alguma coisa; uma prancha de skate, por exemplo" (SILVA, 2004, p.174).

Ele destaca que o *freesurfer* é um surfista profissional compromissado com a marca que o patrocina, buscando sempre associar seu nome e imagem àquela marca.

“- [...] o freesurfer profissional é aquele que tem que fazer viagens e coletar imagens, fotografias para o patrocinador, e o patrocinador usa essas imagens pra vender roupa, fazer propaganda e mostrar que é uma marca do surf, pra se manter dentro daquele determinado [...] do segmento [...] continua sendo um atleta, só que não tem as competições, ele não tem que competir, não tem que ser melhor que ninguém, só tem que ir lá fazer o trabalho de surfista, tem que se preparar, se preparar psicologicamente para uma viagem, tem os planos, procurar lugares exóticos, [...] coletar imagens, surfar. Surfar tão bem quanto um, um competidor [...].”

Em contrapartida, os patrocinadores usam o material de imagens e vídeos do atleta da melhor maneira possível para vender produtos, fazer propagandas, mostrar que é uma marca que apoia o surf, se mantendo assim no segmento de surfwear. A opção pelo *freesurf* se mostrou ainda mais interessante quando passou a viajar somente para surfar. Mesmo já gostando de conhecer a cultura e os povos dos lugares que visitava, a competição estava em primeiro lugar e era o foco das viagens. Agora, Kanaloa podia realmente explorar o local, a cultura, a língua e os costumes, e passou a ter a chance de aprender sobre todas as coisas que sempre quis dos lugares que gostava.

“- [...] quando você vai pra uma surf trip²² não precisa ter onda necessariamente, você pode passear, você vai no mercadão, você vai comer, você quer falar com os locais, você quer conhecer praias, você quer conhecer os lugares bonitos, aquele cartão postal da cidade, é uma coisa que é fantástica [...] você vira um, uma espécie de um pescador e um guia de você mesmo no mundo, você tem que se orientar, saber o vento, saber tudo, saber onde você pode ir, onde não pode. E daí você vai aprendendo, aprendendo e quando você consegue aplicar isso numa viagem você vê que você está bem. Você fica feliz, aqueles momentos do dia que você está na água, surfando bem, saindo, comendo bem, isso marca”.

²² “Viagens para surfar” (SILVA, 2004, p.182).

As viagens que realizou como *freesurfer* foram as melhores de toda sua carreira, e ele destaca o Havaí, México e Indonésia como os lugares mais memoráveis. Mas ele quer mais, quer explorar ondas novas, lugares exóticos e mostrar para as pessoas que ainda existem muitos lugares a serem descobertos.

“- eu queria ser tipo um freesurfer guia das pessoas, ir lá no lugar, fazer o surf, fazer as matérias, mostrar o que tem naquele lugar, aquele lugar é fácil chegar, fácil acesso, que é bonito, que vale a pena, [...] meio que eu, tipo eu sou o cobaia, eu vou lá e volto, e é isso que eu quero fazer daqui pra frente cada vez mais”.

Se as viagens já haviam se tornado mais atraentes, o tempo que agora ele tinha para fazer outras atividades também foi bem-vindo. Enquanto foi competidor, não tinha tempo para quase nada além dos campeonatos e treinos, o calendário de competições tinha mais de trinta campeonatos no ano, e o surfista escolhia aproximadamente quinze para competir.

Kanaloa, agora, tem tempo para se preparar fisicamente, e no caso de sofrer alguma lesão, pode fazer um tratamento adequado e ficar alguns dias sem surfar para se recuperar, coisas que ele nunca pôde fazer enquanto competidor profissional. Na verdade, atualmente ele faz um trabalho mais de recuperação do que de preparação física. Foram anos surfando sem nenhum tipo de preparação física ou treinamento específico, nem tempo para recuperar lesões e prestar atenção no seu corpo.

“- [...] após vários anos surfando você fica com o corpo todo deformado, você sente dores nas costas, ombro, isso é normal, [...] qualquer atleta na sua modalidade vai ter seus problemas ligado ao que ele faz no dia a dia, movimentos e repetição [...]”.

Mesmo sem acompanhar de perto os resultados das competições desde que virou *freesurfer*, Kanaloa tem percebido que cada vez mais os surfistas estão conseguindo prolongar a carreira. Ele surfa frequentemente ao lado de Fábio Gouveia, o maior surfista do Brasil de todos os tempos, que está com quarenta anos de idade, e fica encantado.

Até alguns anos atrás quando o surfista chegava aos trinta anos de idade já era considerado velho e não tinha mais chance de continuar competindo bem. Kelly Slater é um dos responsáveis por esta mudança, ele está com trinta e oito anos de

idade e continua no topo do ranking de melhor surfista do mundo. Kanaloa sabe que a razão disso está no fato de os surfistas, hoje em dia, fazerem preparação física, cuidarem do corpo e buscarem tratamentos adequados para suas lesões. Desta forma, os surfistas estão trazendo longevidade ao esporte.

Durante o ano 2000, seu último ano como competidor, Kanaloa começou a sentir fortes dores no ombro direito, era o princípio de uma tendinite²³ que o incomoda até os dias de hoje, e o final de uma carreira competitiva que não o deixa saudoso. Se ele não estivesse cuidando de seu corpo, acha que não estaria conseguindo surfar. Por esta razão, no momento ele cuida de seu corpo, praticando pilates²⁴ e fazendo sessões de fisioterapia²⁵. Falta de tempo não é mais problema.

Kanaloa voltou a acompanhar as competições recentemente, somente quando viu que houve mudanças no formato do circuito e quando um jovem surfista brasileiro começou a despontar no circuito com chances reais de um título mundial. Com a chegada de Adriano de Souza²⁶ à elite do surf mundial, no Brasil começou-se a prestar atenção ao que é necessário para um atleta profissional, como o trabalho de base, o acompanhamento de um psicólogo, um nutricionista, enfim, que é necessária toda uma estrutura para dar condições a ele disputar o circuito.

Suas palavras revelam um tom de revolta quando, por volta do ano 2005, ele percebeu que os salários dos surfistas profissionais no Brasil começaram a baixar, enquanto os rendimentos das empresas de surfwear começaram a subir. Para ele o surf não estava sendo levado a sério no Brasil, refletindo nos resultados dos surfistas brasileiros que disputavam o circuito mundial.

Competitivamente, o Brasil estava mal representado no circuito, os surfistas brasileiros não tinham verba para viajar, o surf quase foi para o buraco e ele não via mais graça em acompanhar o esporte na sua forma competitiva.

²³ "Tendinite é uma resposta inflamatória a um microtrauma de um tendão. O tendão é uma faixa branca dura de tecido fibroso que forma uma corda de colágeno conectando o músculo ao osso" (BARBANTI, 1994, p.276).

²⁴ "Consiste no controle da totalidade do corpo, unindo mente e respiração ao exercício, realizado com concentração e precisão exaustiva. Também com exercícios nos quais se exigem equilíbrio e estabilidade, a partir do centro do corpo" (RODRIGUEZ, 2006, p.7).

²⁵ "[...] Terapia por movimento após paralisias ou acidentes. Exercícios terapêuticos em conexão com banhos e massagens e outras aplicações curativas" (BARBANTI, 1994, p.128).

²⁶ "Surfista brasileiro integrante da elite do surf mundial" (O próprio sujeito da pesquisa, 2010).

Mas ele jamais pensou que o surf competitivo poderia estar perdido, pelo contrário:

“- a competição é, [...] eu não estou dentro dela mas ela ainda faz com que o esporte cresça muito, cada vez que um brasileiro vai bem, que sai na televisão tal, outras pessoas são influenciadas, outras pessoas é, sentem uma, uma possibilidade de estar ali, [...] Isso é alegria, então por isso eu voltei a assistir o surf agora, hoje em dia, e acompanhar”.

Atualmente os melhores surfistas profissionais do mundo têm preparador físico, nutricionista, psicólogo, fisioterapeuta, empresário, acesso às melhores pranchas, todo suporte que os permite focar somente na competição, além de patrocinadores que os valorizam. Observando isto, Kanaloa fica feliz e demonstra, assim, que não guarda ressentimentos do surf competitivo.

Apesar de estar conseguindo viver como *freesurfer*, Kanaloa diz que a carreira como *freesurfer* tem sido mais instável em relação a patrocínios do que a carreira enquanto competidor, mas que, apesar disso, vêm conseguindo se manter com o surf como um atleta respeitado e valorizado.

“[...] depois que eu consegui me estabilizar eu vi que o que eu queria fazer mesmo era o freesurf e a competição ficou uma coisa secundária que eu nunca tive vontade de voltar e entrar numa competição, que surfar pra mim é o que é importante, então quer dizer, eu sou muito feliz surfando e acho que se eu estivesse na competição poderia estar no topo até hoje ou sei lá o que, não ia estar feliz, [...] eu fiz um reajuste pra ser feliz, realmente feliz”.

Ele pode curtir o melhor mar do ano sem ter que provar nada a ninguém, pode ser na praia atrás de sua casa ou em uma ilha há milhares de quilômetros, pode ser que ninguém o veja, e pode ser que o mundo todo o veja, numa imagem que fale mais do que mil palavras.

Seus atuais patrocinadores estão satisfeitos, alguns até já o patrocinam há mais de cinco anos e o trabalho segue um ritmo de parceria. Kanaloa procura estar sempre à disposição de seus patrocinadores para eventuais festas ou eventos promocionais, assim como procura divulgar da maneira mais profissional possível seus apoiadores. Em retorno, faz várias viagens de surf, produzindo vídeos e

material fotográfico para ilustrar revistas, participa do desenvolvimento de alguns produtos e assina modelos de peças que levam seu nome.

Kanaloa está, neste começo de década, colhendo os frutos de sua escolha em se tornar *freesurfer*, e afirma:

“- [...] eu acho que a minha escolha tá cem por cento, foi cem por cento feliz”.

4.6 A VIDA ATUAL E OS PLANOS PARA O FUTURO

Às vésperas de completar trinta e quatro anos de idade, quase sem perceber, Kanaloa está vivendo exatamente aquilo que queria quando era apenas um garotinho aprendendo a surfar. Sua vida atual inclui horas de surf todos os dias e muitas viagens de surf. Mas inclui também muito trabalho junto aos patrocinadores, música, arte, produção de filmes, e até um jogo de futebol de vez enquanto com os amigos.

O surf é o centro de sua vida, a fonte de inspiração para tudo, o que alimenta sua criatividade. Tudo que ele fez e faz na vida está ligado ao surf, de alguma forma.

Foi a partir de um cartão postal trazido da primeira viagem ao Havaí, por exemplo, que começou a prestar atenção em arte. Sua mãe era artista plástica e o cartão era um presente para inspirá-la. Foram as paisagens de praias, pores do sol e ondas que ela pintou, que o levaram a pintar sua prancha de surf aos quinze anos de idade. Por muitos anos, ele pintou todas suas pranchas com os mais variados desenhos. Mais tarde, começou a pintar telas e, atualmente, além das telas, pinta paredes e muros. No momento, tem se dedicado a aprender o grafite²⁷, uma forma de arte que gosta muito.

Em 2009, foi convidado a expor em um grande festival de surf, música e arte, que acontece anualmente em São Paulo. Foi sua primeira exposição e para

²⁷ “Palavras, frases ou desenhos, em muros e paredes” (Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo professor Pasquale, 2009, p.294).

sua surpresa, uma de suas telas foi comprada. O que era encarado até então como hobby ou terapia, passou a ser encarado mais seriamente.

Sempre muito ligado à música, Kanaloa já teve algumas bandas, mas a que tem hoje é a primeira que tem músicas próprias e faz shows. Ele toca guitarra e canta em algumas músicas, além de compor a maioria das letras. Reserva algumas horas toda semana para ensaiar as músicas, todas com forte influência do surf. As apresentações da banda também sempre foram vinculadas ao surf, já fez shows em lojas de surf, festas de surf e eventos promovidos por seus patrocinadores.

Kanaloa produziu e dirigiu um filme de surf e skate que acabou de ser lançado no mercado nacional. Foram anos de trabalho para concretizar o sonho de fazer o filme que imaginou, mas não foram anos fáceis. O filme foi todo feito sem patrocínio algum, e, sem dinheiro, demorou para ficar pronto, e conseguir colocá-lo no mercado foi muito difícil. Sabendo desde o início que não estava fazendo o filme para ganhar dinheiro, Kanaloa só quer que as pessoas assistam o filme e se divirtam.

Todas essas atividades paralelas ao surf têm espaço garantido em seu dia-a-dia, e sempre consegue fazer um pouco de cada uma todos os dias.

“- Tipo de dia eu surfo, chega a noite coloco um som e vou lá pintar, [...] minha vida é isso, praticamente é, é bastante envolvida com arte, tenho banda, pinto e faço as produções, trabalhando com vídeos de surf, cada vez mais acho que vou trabalhar com isso”.

Como lazer, ele gosta muito de escutar música, assistir filmes e ler em casa, sempre na companhia da esposa e dos cachorros. É em casa também que curte a coleção de discos que iniciou recentemente e onde está aprendendo a cozinhar. A vida em família, ele diz ser tranquila, tem um bom relacionamento com a esposa, com a qual ainda não tem filhos.

Com seus pais e irmão, a relação também é boa. Apesar da distância, porque eles continuam morando na cidade onde Kanaloa cresceu, se falam frequentemente e Kanaloa os visita quando pode. Ele gostaria de visitar mais sua mãe, que não o cobra por isso porque ela entende seu modo de vida e sempre o apoiou. O apoio e o respeito de sua família em relação ao surf e seu estilo de vida são muito valiosos para ele.

Ao irmão é muito grato, como relata:

“- [...] meu irmão me ensinou muita coisa, eu devo muita coisa a ele, gosto muito, respeito muito o que ele fez, respeito muito ele, a decisão de vida, não me meto muito, cada um tem sua vida, mas a gente se fala bastante, tipo uma coisa legal, bem legal”.

Desde que se mudou para (cidade onde mora atualmente) Kanaloa fez muitas amizades e encontrou nos skatistas que moram no mesmo bairro, um grupo unido e animado, sempre se reunindo para uma sessão de skate, fazer música ou um churrasco. Ele admira muitas coisas no skate, inclusive a maneira como os skatistas se relacionam e, valoriza a confraternização que existe entre eles, algo que não vê entre os surfistas.

Ele tem muitos amigos surfistas, mas se distanciou um pouco dos que continuam competindo, por isso tem maior proximidade dos atletas que como ele, optaram pelo *freesurf*. Com eles viaja atrás das ondas, faz matérias para revistas e filmagens para vídeos. Como é uma pessoa envolvida em muitos meios, tem também amigos artistas, tatuadores e músicos.

“- [...] eu considero bastante os caras que eu tenho mais contato, os caras que eu viajo bastante. Tipo esses caras, eu me dou muito bem com eles, a galera do skate também, eu gosto bastante. [...] essa é praticamente minha tribo, é o pessoal agora ligado a tatuagem, eu sempre fui muito ligado a tatuagem, e eu curto bastante essas pessoas que curtem tatuagem, arte, rock and roll [...]”.

O trabalho que desenvolve junto aos patrocinadores, ajudando a organizar eventos, fazendo sugestões sobre propagandas, produzindo filmes e desenvolvendo produtos, ele faz por gostar e crer que cria um vínculo importante de confiança e amizade com os patrocinadores, mas, acima de tudo, por saber que pode vir a ser seu trabalho no futuro. Por enquanto, são os patrocinadores que têm interesse na sua colaboração.

“- eles gostam da minha visão, meu ponto de vista das coisas, eu tenho esse ponto de vista, esse olhar singular de certas coisas, [...] alguns patrocinadores eles valorizam muito isso, eles sempre quiseram trabalhar comigo porque eu tenho uma visão um pouco diferenciada fora do surf [...] Eu consigo visualizar outras coisas[...] eu já fiz uns trabalhos assim, de visualizar vídeos, isso, umas ideias, e criar isso e criar aquilo, coisas que foram muito, deram certo[...]”.

Kanaloa é um dos poucos surfistas no Brasil que faz um trabalho desse tipo com os patrocinadores, e foi um dos primeiros. A primeira parceria foi com uma marca de antiderrapantes para pranchas, que lançou um modelo de antiderrapante com seu nome, além de ser de sua autoria o desenho, as cores e a embalagem. Mais tarde, a marca de skate que o patrocinou por anos, propôs fazer um modelo de tênis com sua assinatura. O que era para ser um modelo, virou três, um a cada ano. E no início deste ano, foi lançado seu modelo de óculos, uma série limitada de peças exclusivas e assinadas por ele. Kanaloa participou diretamente na criação de cada produto que levou seu nome.

No começo, ele não via como um investimento ou uma maneira de ganhar dinheiro com seu nome, mas a situação mudou.

“- [...] demorou pra cair a ficha mas eu tô tentando quebrar essa barreira, tentar deixar o, fazer o nome virar um produto e trabalhar o nome pra depois ter uma segurança mínima no futuro [...]”.

A situação mudou tanto, que agora Kanaloa sabe que é preciso começar a pensar no futuro, que é preciso trabalhar desde agora para garantir uma estabilidade mais para frente. E é isso que ele tem feito. Hoje, ele sabe que seu nome é um produto e que este produto é vendável, por isso se empenha tanto em trabalhar juntamente com o patrocinador na hora da divulgação e da venda dos produtos. É seu nome e imagem que estão sendo vendidos também.

Há dois anos ele abriu uma empresa de produções, que foi a responsável pela produção de seu filme e realização de um evento de surf internacional. O evento foi um desafio de surf entre o Brasil e os Estados Unidos, disputado em equipes, como em um jogo. Este formato foi criado por um ex-surfista profissional americano, amigo de Kanaloa dos tempos do circuito mundial. A empresa de Kanaloa é a representante deste formato de competição no Brasil e ele pretende realizar novamente o evento.

Ele espera que tudo que tem feito ao longo dos anos como surfista tenha aberto portas que um dia poderão servir de entrada para um trabalho dentro de alguma empresa ligada ao surf, porque não se vê fazendo um trabalho que não envolva o surf.

“- [...] quero chegar uma hora e de repente fazer essa transição natural, [...] aí sim você fala: a carreira foi perfeita! Você fez tudo que tinha que fazer no mar tal, na hora que não deu mais você está ali ligado ao surf [...] se eu for trabalhar eu sei que um atleta precisa ganhar bem, um mínimo, [...] eu vou poder passar pra ele tudo que eu vivi e que eu aprendi”.

Quando vê algum surfista promissor, um jovem iniciante com talento, fica pensando em possíveis patrocinadores, em como seria se tal empresa o patrocinasse, e isso o leva a crer que gostaria de trabalhar com esses surfistas que estão iniciando a carreira. Muito provavelmente esse seu desejo de ajudar os surfistas iniciantes esteja relacionado a sua experiência como surfista, que iniciou cedo a carreira competitiva. E também como uma forma de retribuir ao surf tudo que o surf lhe proporcionou e continua a lhe proporcionar até hoje.

“- [...] quando eu olhar pra trás e eu quero falar: - Eu sou grato a tudo que eu fiz pelo surf e o surf fez muito por mim, e eu tive uma vida excelente, uma vida tipo, você não precisa ter muito dinheiro pra você ser muito feliz, e é isso que eu sou agora, muito feliz agora e eu quero continuar sendo [...]”.

Ele finaliza a entrevista com a seguinte frase:

“- Acho que hoje em dia você fazer um esporte que você gosta, você ter um estilo de vida que você gosta e unir o útil ao agradável e ganhar dinheiro com o que realmente você gosta e te satisfaz, é, é pra poucos. E eu consigo fazer isso e fazer tudo que eu gosto ao mesmo tempo. Pintar, tocar, no mesmo dia eu consigo fazer várias coisas, consigo fazer uma sessão de surf, filmar, fotografar pra revista num bom swell²⁸, depois tocar música com a minha banda, a noite pintar em casa [...]”.

E com estas palavras, Kanaloa não deixa dúvidas quanto ao seu amor pelo esporte, a satisfação em ser remunerado para fazer o que gosta e a sorte em poder viver um estilo de vida que alia o surf com todas outras coisas que gosta de fazer.

²⁸ “Ondulação, nome dado quando a organização das ondas está com frequência e direção definidas” (SILVA, 2004, p.184).

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar na parte conclusiva, busco expressar, de forma condensada, tudo que foi observado, conversado e analisado durante a construção deste trabalho, procurando ressaltar as questões mais relevantes com o intuito de atingir o objetivo deste estudo.

Ficou evidente, desde o início, que o surf na vida de Kanaloa é muito mais do que o esporte que pratica. O surf vem influenciando sua vida desde o primeiro momento que ficou em pé numa prancha e surfou sua primeira onda.

Para Kanaloa, realmente o surf é muito mais. O surf é o que o motiva, leva a lugares distantes, sustenta, traz alegria e felicidade, causa lesões, faz conhecer novas culturas e aprender novas línguas, inspira para criar músicas e o leva a fazer arte. O surf é a essência do seu ser.

Quando ele relata que foi amor à primeira vista, ele não quis dizer paixão, era amor mesmo, daqueles que duram uma vida inteira. E o amor pelo surf levou Kanaloa a lugares que ele nem imaginava um dia chegar e a outros que ele nem queria um dia chegar, mas o que importa é que o surf lhe proporcionou a viagem. E viajar é preciso para alguém como Kanaloa, sedento por aprender, conhecer e descobrir. Sedento por ondas grandes, fortes e tubulares.

Pode parecer lógico que sua vida gire em torno do surf, afinal começou a praticar muito jovem e pratica até os dias de hoje, mas poderia ter sido muito diferente. Se ele não tivesse agarrado a chance da vida e abandonado a escola; se ele não tivesse acreditado no seu talento e se tornado competidor; se ele não tivesse insistido no desejo de ser *freesurfer*, poderia hoje estar fazendo qualquer outra coisa. Quando parou de competir no ano 2000, poderia ter abandonado o esporte, poderia ter sentido vontade de descobrir algo novo, poderia ter voltado a estudar, poderia ter feito muitas outras coisas. Mas não, ele acreditou que poderia

ser mais feliz continuando a surfar. Dali para frente de maneira mais livre, não menos profissional, somente mais livre.

Os anos como competidor o deixaram desmotivado e um pouco inseguro quanto ao seu talento, enquanto surfista. Havia muita expectativa de que ele se tornasse um dos melhores surfistas do mundo, que viesse a integrar a elite mundial. E como isso não aconteceu, por inúmeros motivos, Kanaloa precisou do surf, somente do surf, o momento mágico dividido apenas entre ele e a onda, para voltar a sentir que o surf era tudo que ele queria fazer.

O surf é a fonte de renda que o sustenta desde os treze anos de idade. É o seu trabalho, e foi com o surf que ele conseguiu ajudar financeiramente a família desde muito jovem. Poder ajudar a família era algo que ele fazia questão de fazer, era sagrado conforme suas palavras, o que parece revelar algum tipo de sentimento de agradecimento pelo apoio recebido dos pais quando escolheu ser surfista. Pode ainda, revelar um sentimento de orgulho, afinal era o esporte que havia escolhido para praticar que lhe proporcionava a condição de ajudar a família.

Na época que parou de estudar, o surf não era o esporte que é hoje. Pelo menos não era no sentido de como as pessoas de fora o viam, aliás, quase não se via o surf. A televisão, as revistas e jornais não falavam quase nada sobre o esporte, só quem conhecia o surf eram as pessoas que estavam diretamente ligadas ao esporte. Devido a isto, Kanaloa sofreu preconceito e a reprovação de muita gente, inclusive de seus parentes, mas ele estava determinado e com seus excelentes resultados em competições provou estarem todos enganados.

Sempre contando com o apoio dos pais e irmão mais velho, Kanaloa se firmou como um dos surfistas mais influentes do Brasil, tanto pelo seu surf, como por sua personalidade. Seu modo de surfar sempre evidenciou sua maneira de pensar e suas atitudes dentro e fora d'água sempre revelaram a personalidade marcada por irreverência, radicalidade e carisma.

Outros aspectos em que se noticia a influência do surf são sua arte e música, além das amizades. A arte de Kanaloa nasceu nas pranchas de surf e evoluiu para as telas. Sua primeira exposição aconteceu em um festival de surf, música e arte. Seu estilo envolve o mar, as ondas, além dos cachorros, sua marca registrada.

A música que ouve e faz tem suas raízes na *surf music*²⁹, que ouvia quando ainda era um surfista iniciante descobrindo tudo que o mundo do surf englobava. Hoje, Kanaloa tem uma banda e compõe músicas relacionadas ao surf e ao estilo de vida que leva, todas com forte influência das músicas que cresceu ouvindo, as quais o influenciaram no surf, as quais o instigavam a radicalizar nas ondas.

De tudo que passou como surfista, o que ele traz consigo é a alegria de surfar, a lembrança de viagens especiais, a riqueza da experiência. O que passou, passou, e sua vida atual é um retrato disso. Se houve dificuldades, ele soube superá-las e aprender com elas; se houve momentos de incerteza, ele soube olhar pra frente e acreditar; se houve momentos de tristeza, ele tirou força lá do fundo para continuar, simplesmente porque sabia que não havia nada que um bom dia de surf não curasse.

É possível afirmar que, para Kanaloa, o que importa mesmo é surfar bem em ondas que ele gosta. Em seus relatos há evidências de como para ele é importante surfar bem, vencer nem sempre era a prioridade, mas dar um show dentro d'água.

O surf é sua ferramenta de expressão, apostila de vida, fonte de inspiração. Tudo que ele fez e faz envolvem o surf de alguma forma, não há como distinguir em sua vida o que o surf faz e não faz parte. E isso é exatamente o que ele quer e sempre quis, mesmo sem ter consciência. Um fato, talvez sem querer, levou a outro, e hoje, ele sabe que tudo foi acontecendo porque ele é um surfista.

Um surfista que, em primeiro lugar, se diverte surfando como se fosse a primeira vez. Um surfista que se reiventa, desenvolve e atualiza. Mas que acima de tudo, ama o que faz e retribui ao esporte tudo aquilo que o esporte lhe proporcionou e continua a proporcionar.

²⁹ “Música de rock da Califórnia do início dos anos 1960, caracterizada por harmonias agudas e letras que celebravam a alegria do surf e a vida na praia” (CRALLE, 2001, p.271, tradução nossa).

Para finalizar, algumas palavras de Kanaloa:

“- [...] a vida que eu escolhi foi perfeita, [...] o mar me ajudou muito em muitas coisas, quando eu pulo no mar o mar me deixa tranquilo, me alivia, então tem dia que você não tem dinheiro, mas você consegue dar uma boa remada e você fica tranquilo, com a mente tranquila, consegue dormir bem e essa é a magia do surf, e eu estou nessa magia ainda e eu tento divulgar essa magia cada vez mais [...]”.

Desse modo, pôde-se constatar que o fato de ter escolhido o surf como esporte, tornou-o o ser humano que é.

Finalmente, faz-se necessário ressaltar a limitação deste estudo, que em seu Capítulo 2, tópico 2.2, foi utilizado, principalmente, o livro de Gutenberg, haja vista ser uma das únicas obras, em nível nacional, sobre o histórico do surf no Brasil.

5.2 RECOMENDAÇÕES

Consciente da importância e da relevância de futuras investigações sobre o tema, ao entender que o presente estudo pode ter deixado lacunas ou questionamentos, recomenda-se que mais pesquisas sejam feitas sobre o surf, em todos os aspectos concernentes à modalidade.

A carência de estudos científicos que abordam este esporte dificulta seu entendimento e, conseqüentemente, desenvolvimento e engrandecimento.

Recomenda-se, adicionalmente, que os profissionais de Educação Física se envolvam com o surf, atuando na prescrição de treinamento para surfistas, organização do esporte, ensino da modalidade, entre outras áreas do esporte. É evidente a falta destes profissionais no meio do surf, sendo esse meio mais uma possível área de atuação para os mesmos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. R. de. **Definições surfista amador e profissional** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <marceloandrad44@hotmail.com>. Recebida em: 27 out. 2009.
- ATKINSON, R. **Life story interview: qualitative research methods**, v.44. Thousand Oaks: Sage, 1998. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 2 out. 2009.
- BARBANTI, V. J. **Dicionário de educação física e do esporte**. São Paulo: Manole, 1994.
- BARTHOLOMEW, W. *Genesis of a competitive surfer*. In: LOWDON, B. J.; LOWDON, M. (Ed.) **Competitive surfing: a dedicated approach**. Austrália: Mouvement, 1988. p.5-20.
- BASE, L. H. et al. Lesões em surfistas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. Niterói, v.13, n.4, p.251-253, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922007000400008&lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2010.
- BITTENCOURT, V. et al. Surf - esportes radicais. In: DaCOSTA, L. P. (Org.) **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte; educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p.411-416.
- BOOTH, D. *Ambiguities in pleasure and discipline: the development of competitive surfing*. **Journal of Sport History**, Nova Zelândia., v.22, n.3, fall, 1995. Disponível em: <www.la84foundation.org/SportsLibrary/JSH/JSH1995/JSH2203/jsh2203b.pdf>. Acesso em: 20 out. 2009.
- BRASIL, F. K. et al. Frequência cardíaca e tempo de movimento durante o surf recreacional - estudo piloto. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v.9, n.4, p.65-75, out., 2001. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/407/460>. Acesso em: 21 out. 2009.
- BROOKS, R. *Life of surfing*. In: LOWDON, B. J.; LOWDON, M. (Ed.). **Competitive surfing: a dedicated approach**. Austrália: Mouvement, 1988. p.285-292.
- BUENO, O. A. de C. **Octaviano "Taiu" Bueno: alma guerreira**. São Paulo: CLR Balieiro, 1999.
- BUKÃO, M. **Quem é surfista?** 2008. Disponível em: <http://waves.terra.com.br/surf/noticia/quem-e-surfista/32447>. Acesso em: 31 out. 2009.
- CARROLL, T.; WILLCOX, K. **A onda interior**. Tradução de Guilherme F. Araújo. São Paulo: Globo. 1998. Título original: *The wave within*.

COLEMAN, S. H. **Eddie would go**: a história de Eddie Aikau, herói havaiano. Tradução de Edinho Leite. 2.ed. São Paulo: Gaia, 2004. Título original: *Eddie would go: the story of Eddie Aikau, hawaiian hero*.

CRALLE, T. **The surfin'ary**: a dictionary of surfing terms and surfspeak. 2.ed. Estados Unidos: Ten Speed Press, 2001.

DE ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Dicionário da Língua Portuguesa comentado pelo professor Pasquale. Barueri: Gold, 2009.

FARIAS, S. F. **Surf**: conteúdos para a prática. Florianópolis: GTI, 2000.

FERNANDES, F. **Dadá, o anti-moda**. Disponível em: <<http://waves.terra.com.br/surf/noticia//dada-o-anti-moda/15172>>. Acesso em: 14 maio 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FORTES, R. Notas sobre surf, mídia e história. **Recorde, Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro, v.1, n.2, dez., 2008. Disponível em: <<http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/docs/anterior.asp?ed=2>>. Acesso em: 20 maio 2010.

FRANCO, G. S. **Psicologia no esporte e na atividade física**: uma coletânea sobre a prática com qualidade. São Paulo: Manole, 2000.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GUTENBERG, A. **A história do surf no Brasil**. São Paulo: Azul, 1989.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4.ed. Petrópolis: Vozes. 1995.

KOJIN, A. Liberdade é fluir. **Revista Fluir**, edição especial - 26 anos, São Paulo, p.122-129, out., 2009.

LAURO, F. A. A. et al. *Anaerobic power indices of Brazilian male competitive surfers*. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, Estados Unidos, v.35, n.5, p.S275, mai., 2003. Disponível em: http://journals.lww.com/acsm-msse/Fulltext/2003/05001/Anaerobic_Power_Indices_of_Brazilian_Male.1528.aspx#. Acesso em: 3 abr. 2010.

MACEDO, J. B. de. **Surf, liberdade e religião**. 2003. Disponível em: <<http://www.jbmacedo.com/praiagrande/surfliberdade.html>>. Acesso em: 31 out. 2009.

MARCUS, B. *From Polynesia, with love: the history of surfing from captain Cook to the present* [on-line]. Disponível em: <<http://www.surfingforlife.com/history.html>>. Acesso em: 3 out. 2009.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida**: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 3.ed. rev e atual. Londrina: Midiograf, 2003.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v.2, n.2, p.135-148, jul./dez., 1999. Disponível em: <<http://www.ssrevista.uel.br/>>. Acesso em: 28 out. 2009.

PELAYO Y GROSS, R. G. **Pequeño Larousse ilustrado**. Paris: Larousse, 1983.

PEREIRA, A. M. de A. Os bons profissionais de educação física e desporto e as histórias de vida. **Revista Digital**, Buenos Aires, año 13, n.128, enero, 2009. Disponível em: <[http://www.efdeportes.com/Revista Digital](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital)>. Acesso em: 24 set. 2009.

RICHARDS, M. *Fine tuning competitive skills*. In: LOWDON, B. J.; LOWDON, M. (Ed.) **Competitive surfing: a dedicated approach**. Austrália: Mouvement, 1988. p.37-54.

RODRIGUEZ, J. **Pilates**. Tradução de Maria Lucia Cumo. São Paulo: Marco Zero, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=4vvWulvQWOoC&printsec=frontcover&dq=Pilates&cd=2#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 2 maio 2010.

SILVA, C. L. da; VELOZO, E. L; RODRIGUES JR, J. C. Pesquisa qualitativa em educação física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.48, dez., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 28 out. 2009.

SILVA, F. A. G. da. **Dicionário do surf**. Florianópolis: Cobra Coralina, 2004.

SILVA, C. C. da; TEIXEIRA, A. S; GOLDBERG, T. B. L. O esporte e suas implicações na saúde óssea de atletas adolescentes. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v.9, n.6, nov./dez., p.426-432, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922003000600007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. de 2009.

SLATER, K. **A biografia de Kelly Slater: Pipe dreams** / com Jason Borte. Tradução de Phill Magrath. São Paulo: Gaia, 2004. Título original: *Pipe dreams: a surfer's journey*.

SOUTO, V. I. V. **Esporte de competição para crianças e adolescentes**: saúde ou exploração? 2002. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SOUZA, R. de. **Boas ondas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

STADNIK, A. M. W. **Representações e práticas de professores universitários de educação física**: quatro histórias de vida. 2008. 471f. Tese (Doutorado em Educação Física e Lazer) - Instituto de Estudos da Criança, Universidade de Minho, Braga, Portugal, 2008.

STEINMAN, J. **Surf & Saúde**. Florianópolis: Joel Steinman, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WARSHAW, M. **The encyclopedia of surfing**. Estados Unidos: Harcourtbooks, 2003.

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. **Rage against the machine**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rage_Against_the_Machine>. Acesso em: 14 maio 2010.

_____. **Talking Heads**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Talking_Heads>. Acesso em: 14 maio 2010.

ANEXO A - Regras para as transcrições das entrevistas.

1. Antes de qualquer outra ação, logo após a entrevista, salvar a gravação no programa *Garage Band* e no programa *iTunes*, ambos no computador Mac OS X, versão 10.5.8. Na seqüência, ouvir toda a entrevista, verificando se está tudo certo.
2. Além dos arquivos originais gravados nos programas *Garage Band* e *iTunes*, mantêm-se as seguintes **cópias de segurança**: uma no *hardisk* do *laptop*, uma no *desktop*, uma em mídia digital (CD) e uma no *pen drive*.
3. Os arquivos digitais de voz estão referenciados com um **código**, que indica a seqüência da entrevista realizada (Entrevista 1, Entrevista 2, ...) e o nome do entrevistado. Se necessário, são acrescentados outros itens (como por exemplo, cont.) - para indicar continuação.
4. Antes de começar a transcrever, deve-se escrever a indicação do **código** em negrito e isto sempre que iniciar um novo arquivo digital de voz (como no caso das continuações, por exemplo).
5. Criar um **cabeçalho**, também em negrito, para situar a transcrição, conforme segue:

Entrevista 1

Local: Residência de Kanaloa

Data e horário: 16/03/2010 14:25 hs

Duração: 9min58seg

6. **Escrever tudo** o que for possível, não apenas palavras ditas na conversa, mas também risos, gargalhadas, pequenas pausas, pausas prolongadas, outros sons que eventualmente se identifiquem.

7. Escrever em negrito as palavras que são ditas com **ênfase** pelo entrevistado.

8. No caso das **pausas**, deve-se registrar se é uma pausa pequena, correspondente a breve hesitação ou uma pausa grande, correspondente a uma dificuldade maior em responder. Fazer esse registro entre parêntesis e tentando estimar em segundos o tempo de pausa. Por exemplo: (pausa de 3seg).

9. No caso de **não compreender** alguma palavra ou uma seqüência de palavras, deve-se escrever tudo aquilo que eventualmente se consiga perceber, mas entre parêntesis e usando três sinais de interrogação. Por exemplo: (o mar estava amarelo!).

10. Depois de realizado todo esse processo, é possível **limpar** o conteúdo da gravação dos programas *Garage Band* e *iTunes*.

12. Devem-se manter sempre junto ao material de gravação: **cabos de conexão para o computador e fones de ouvido**, facilitando dessa forma o acesso às informações gravadas e evitando constrangimentos junto ao entrevistado por falta, por exemplo, de bateria, para dar continuidade ao trabalho.

13. A **apresentação** do material deve seguir as mesmas orientações de apresentação da monografia.

APÊNDICE A - Roteiro das entrevistas semi-estruturadas.

A - ENTREVISTA 1

I - IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Qual o seu Nome? Idade?

Onde nasceu?

Qual sua situação atual? É casado? Tem filhos?

Onde vive atualmente?

II - A VIDA ANTES DO SURF

Na cidade onde nasceu, morava com quem?

Você tem alguma lembrança da escola nessa época?

Você tem alguma lembrança de brincadeiras? De praticar algum esporte?

Morou na cidade onde nasceu até que idade? Mudaram-se para onde?

Morava com quem na cidade para onde se mudaram?

Você tem lembranças da escola na nova cidade?

Como foi o primeiro contato com o mar? Como se sentiu? Com quem estava?

B - ENTREVISTA 2

III - O INÍCIO NO SURF E A CARREIRA AMADORA

O que você lembra sobre o início no surf? Que idade tinha quando começou a surfar?

Quem foi sua influência no surf?

Com que idade você ganhou a primeira prancha de fibra de vidro? Com que idade você sentiu que queria ser surfista?

Praticava algum outro esporte, tinha algum hobby?

Como foi a reação da sua família sobre o surf?

Com que idade começou a competir?

Qual a primeira viagem de surf? Que idade você tinha?
Quais foram as maiores influências durante a carreira amadora?
Quais resultados você lembra? Quais os mais marcantes?
Você competiu como amador até qual idade?
Com quem você morava nessa época?
Como foi na escola durante sua carreira amadora?
Você estudou até que série?
Como começou o trabalho com o técnico/empresário?
Como funcionavam os patrocínios? Como era o pagamento do teu técnico/empresário?
Como eram suas amizades na época?
Quais viagens foram as mais marcantes?
Como foi a primeira vez no Havaí? Você já gostava de ondas grandes? O que sentiu ao chegar lá?
Você sofreu lesões enquanto surfista amador?
Como lidava com o sucesso alcançado através do surf?
Gostaria de acrescentar algo sobre a carreira amadora?

C - ENTREVISTA 3

IV - A CARREIRA PROFISSIONAL COMPETITIVA

Com que idade se profissionalizou? Que ano era?
Como foi o início da carreira profissional competitiva?
Depois que se profissionalizou, as amizades continuaram as mesmas?
Existia alguma barreira por causa da língua?
Fale um pouco sobre a vida de competidor: viagens, hotéis, alimentação, equipamentos.
Fale um pouco dos seus principais resultados como profissional. Houve outros momentos marcantes?
Como eram os patrocínios enquanto profissional?
Você teve patrocínios durante toda carreira profissional competitiva?
Como você lidava com o fato de estar sempre viajando, a distância da família e amigos?

Fale sobre suas melhores viagens enquanto competidor, que incluíram competição ou não.

Houve coisas que marcaram a carreira competitiva negativamente?

O que te inspirava e incentivava durante os anos como competidor profissional?

Você praticava algum outro esporte durante a fase de competidor profissional?

Tinha algum outro hobby?

Alguém te ajudava com preparação física, a parte física, alimentação ou alguma coisa nesse sentido?

Como era a relação com a mídia?

Como você lidava com as derrotas e vitórias, todos aspectos das competições?

Como era o lado psicológico?

No Brasil, você morava aonde e com quem?

Você se considerava respeitado pelos colegas do circuito?

Você poderia fazer uma avaliação geral de como foi sua carreira profissional competitiva?

Gostaria de acrescentar alguma coisa sobre essa época como competidor?

D - ENTREVISTA 4

IV - A CARREIRA PROFISSIONAL COMO *FREESURFER*

Você diria que teve um motivo específico para abandonar o surf competitivo?

Você lembra a idade que tinha?

O que é um *freesurfer*?

Como a mídia e o meio surfístico encarou sua opção?

Como foi com os patrocinadores? A relação mudou depois que virou *freesurfer*?

Desde que você se tornou *freesurfer* sempre teve patrocínio?

Você está mais satisfeito pessoalmente agora que não está mais competindo?

Voce considera que agora consegue fazer o que não conseguia fazer antes quando era competidor de surf?

Alguma viagem que marcou como *freesurfer*? Você acha melhor viajar sendo *freesurfer*?

E no sentido do surf em si, mudou alguma coisa?

Alguma coisa a adicionar sobre sua carreira como *freesurfer*?

Você acompanha as competições, os circuitos e os rankings, mesmo não competindo mais?

Você agora como *freesurfer* faz alguma preparação ou treinamento?

E - ENTREVISTA 5

V - A VIDA ATUAL E OS PLANOS PARA O FUTURO

Você faz alguma outra atividade além de surfar? Tem algum hobby?

Você já fez alguma exposição com suas telas? Já vendeu alguma?

O que você gosta de fazer como lazer?

Como é a sua vida em família?

Quem são seus amigos atualmente?

Como você lida com a questão financeira? Você se preocupa com o futuro e aposentadoria? Você economiza ou investe?

Você tem algum plano para o futuro em relação à trabalho?

Quando vê algum talento do surf você sente que poderia passar experiências e valores pra eles?

Você gostaria de acrescentar mais algum aspecto na sua fala?

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**TÍTULO DA PESQUISA: DA BRINCADEIRA À BEIRA MAR AO
PROFISSIONALISMO: A HISTÓRIA DE VIDA DE UM SURFISTA**

AUTORA: PALOMA ANDREA MARCHETTI

ORIENTADOR: PROF. DR SIDNEY FERREIRA FARIAS

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos desta pesquisa e, que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações pertinentes ao estudo. Autorizo a utilização e a apresentação de todas as minhas informações e os conteúdos das entrevistas para fins científicos, sob condição de preservação da minha identidade.

Florianópolis, 10 de março de 2010.

(Nome do sujeito da pesquisa)

Paloma Andrea Marchetti

Contato: (48) 3232-7571

email: paloma.marchetti@gmail.com